

*OS OLHOS DO ESPANTALHO*

*RENATO ANTUNES*

*OS OLHOS DO ESPANTALHO*

*Renato Antunes*

*O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor. Revisão ortográfica realizada por Helena Maria de Almeida Antunes.*

*Dedico minha obra a minha  
esposa, sem a qual este livro não  
seria possível.*

PARTE 1

LAURA

Capítulo 1

Seis horas da manhã de um dia frio. Um dia especial. Seu coração se encheu de alegria. Em meio à neblina, ela a viu chegando, descendo do ônibus na pequena rodoviária da cidade do interior de São Paulo. A filha sorriu para ela, depois ela foi até ao bagageiro do ônibus, esperou com calma que o atendente retirasse sua mala de rodinhas e veio em direção à mãe, sorrindo em meio à pesada névoa serrana que predominava no ambiente.

- Então é esta a cidade mais caipira do Brasil, mãe?

As duas deram um grande e carinhoso abraço. A filha Laura, uma jovem de dezesseis anos, agora olha com seus olhos negros para a mãe. A mãe diz a ela:

- Você é a minha cara. Sabia filha?

- Então eu tenho sorte, todo mundo acha você linda, mãe.

Quando ela disse aquilo, uma súbita ansiedade tomou conta de Laura. Elas continuam caminhando. Então a filha se lembra da enchente.

- Como está a cidade, mãe?

- Ainda há sinais da inundação, mas eu acho que a cidade vai se recuperando aos poucos da tragédia que quase a destruiu.

- Foi tão grave assim?

Laura perguntou à mãe enquanto andava ao lado dela, saindo da pequena rodoviária.

- Foi terrível. Causou enorme destruição, principalmente ao seu patrimônio histórico, mas a vida sempre dá um jeito de seguir em frente.

- Eu li que após o desastre, a cidade viveu um intenso processo de reconstrução.

- Foi uma longa viagem do Rio até aqui, filha.

Vamos para casa. Você precisa descansar.

Depois eu vou te mostrar o que a pequena cidade tem de melhor. Vamos ver se uma carioca da gema vai gostar da roça.

As duas sorriram.

- Meu carro está na próxima esquina.

Elas saíram da pequena cidade pela rodovia que acompanhava a margem do rio. O ar estava gelado, cerca de seis graus. A chuva da madrugada deu lugar a um sol levemente luminoso, mas o cheiro da terra molhada persistia.

Logo, pela janela do carro, Laura viu a casa simples fora dos limites da cidade. Parecia ter saído de um quadro destes que ficam em cima de uma lareira com pintura de uma bela paisagem. Uma residência discreta, mas como a pintura de um quadro, pela janela agora ela

aprecia uma paisagem especial, o Parque Estadual da Serra do Mar, maravilhada com a serra em meio à neblina.

- Eu trouxe tênis e mochila. Vamos fazer uma caminhada pela serra, mãe?

- Claro, a trilha das seis cachoeiras é especial, mas primeiro você vai tomar seu café da manhã e dormir um pouco. A viagem deve ter sido cansativa. Depois vamos ao centro Histórico da cidade. Quero que veja a herança arquitetônica do período cafeeiro que deu a cidade o título de Patrimônio Estadual e Nacional.

- Ótimo, mãe. Eu passei quase a noite toda acordada, ansiosa para revê-la. Agora estou morrendo de sono.

Assim que estacionou o carro e pegou a bagagem de sua filha, ela olhou para a porta da casa a sua frente.

- Foi neste lugar, filha. Aqui fui criada e agora você está aqui ao meu lado, pela primeira vez. Isto é especial para mim.

Ela sorriu e cruzou seu braço esquerdo com o braço direito de sua mãe. Quando as duas entraram em casa a filha se sentiu bem, nunca havia ido lá, mas se sentia em casa. O lar era decorado com temas campestres. Ela viu a foto dela em um porta-retratos em cima da mesa. Quando chegou, a mesa de madeira no centro da copa estava repleta. Aquilo que ela viu não era um simples café da manhã. Era uma refeição completa. Todo tipo de pão,

queijo branco, mozzarella, presunto, ovos, bolos...

- Mãe, não precisava disto...

Então ela viu. Levou suas duas mãos à boca:

- A torta de maçã que eu adoro! Você se lembrou...

Ela ficou feliz com a reação da filha.

-Eu acho que esta torta ficou especial, filha.

\*\*\*

Laura estava com fome, comeu com gosto.

- Eu nunca esqueci o gosto de sua comida, mãe.

Espreguiçou-se. Depois em sua cama ela sorriu quando a mãe disse a ela:

- Você virou uma bela mulher, mas para mim sempre será minha princesinha.

A mãe deu um beijo na testa da filha e a assistiu cair em um sono profundo. Já era meio da manhã quando ela acordou.

- Pronta para conhecer a cidade?

#### *A CIDADE MAIS CAIPIRA DO BRASIL*

Após a enchente, a Igreja Matriz foi reerguida com êxito e inaugurada com grande festa.

Laura viu atrações como o Instituto\_Manuel Sidra, um casarão reformado que conta a trajetória do músico nascido na cidade. Viu as casas coloridas, hora azul, hora amarelo, hora vermelho. Elas descem pela ladeira de

paralelepípedos apreciando a arquitetura local até que chegam a Avenida Celso Portenho. Ela acompanhava a marginal do Rio. A filha se recostou no muro que separa o rio da cidade. Observou o rio claro à sua frente, era grande, parecia caudaloso.

- Foi aqui, mãe?

A mãe suspirou.

- Sim filha, foi aqui que aconteceu a grande tragédia. O rio transbordou e inundou a cidade inteira.

A filha esfrega as mãos geladas pelo frio e volta a olhar para o rio. Não parecia uma ameaça agora. Mas era sem dúvida, poderoso.

- A névoa é sempre tão pesada assim aqui?

- É uma cidade serrana, filha. Isto é natural. O rio que desce pela montanha tem águas geladas, a neblina se condensa quando o ar úmido descansa sobre o rio.

Então Laura percebe uma súbita expressão de tristeza em sua mãe.

Eu tenho um bilhete para entregar a você, filha.

O clima entre as duas fica tenso, pesado e estranho. Laura começa a ler ansiosa. O bilhete tinha apenas uma frase:

*“Salve-a!”*

Então o despertador gritou furioso a sua melodia monossílaba.

Laura acordou de seu sonho. Estava um calor infernal em seu apartamento no Leme. A mãe do sonho não existia. Ela não conheceu sua mãe. Laura nunca sentiu falta dela. Foi criada com carinho pelos pais adotivos desde muito pequenina. Um casal de judeus que fugiram para o Brasil depois dos horrores de Hitler. Agora estavam mortos. Primeiro foi ele, depois ela. A saudade dos dois era a companheira de sua solidão. Mas aquele sonho... que sonho estranho! Não sabia que cidade era aquela. Ela podia jurar que era ela, aquela mulher que em seu sonho era a mãe que ela nunca viu. Podia jurar que conhecia aquela cidade onde nunca esteve e certamente saiu de sua imaginação. Ela foi até a sala de seu apartamento de dois quartos na valorizada Rua dos Ramos, no Leme. Herança dos bondosos pais adotivos. Então ela o viu. Era um bilhete em cima da mesa. Por um instante ficou muda. Não se lembrava de nenhum bilhete. Ela o pegou curiosa. Lá estava escrito:

*“Vá até o Padre Américo.”*

Então ela se deu conta: Não fui eu quem escreveu este bilhete, mas como... Ela falou para si mesma. Ansiosa, ele verificou a porta de seu apartamento. Estava trancada. (Ninguém entrou, mas como aquele bilhete foi parar ali?) Ela pensou. Agora

estava assustada. Cautelosamente ela andou por seu apartamento. Procurou por alguém. Nada.

Ela levou o bilhete de volta à mesa. Foi até o banheiro. Não conseguia entender como aquele bilhete estranho foi parar ali, em sua mesa durante a noite. Laura praticamente enfiou a cabeça dentro da pia do banheiro e deixou a água escorrer pelo seu rosto. Então ela sentiu! Havia uma presença atrás dela! Seu coração disparou. Era algo assustador. De um horror sem tamanho! Então ela acordou.

\*\*\*

Por alguns instantes, ela foi assimilando o que aconteceu, voltando à realidade. Foi um sonho dentro do outro sonho. Aquela mulher carinhosa como uma mãe, depois aquela presença terrível em seu apartamento. Ela olhou para seu despertador. Três horas da manhã. Laura sentou-se em sua cama. Colocou os pensamentos em ordem. -Foi o sonho mais estranho que já tive. Ela falou sozinha. Então se lembrou do bilhete: “Vá até o Padre Américo”. Angustiada, ela foi até a mesa de sua sala e depois sorriu para si mesma. (Claro!). Ela pensou. Não havia nenhum bilhete na mesa. Foi só um pesadelo dentro de um sonho. Estava sozinha. Nestas horas ela sentia falta de um homem ao seu lado. Pensou em seu

único namorado sério, Caio. Quase anos de namoro e a decepção de ser traída. Então ela lembrou-se de sua sobrinha. Tinha um encontro importante com ela. (Preciso dar um jeito de voltar para minha cama e dormir), ela pensou.

## Capítulo 2

- Vá até ela, Laura. Ajude-a em uma situação tão difícil.

Laura ouvia sua irmã de criação falando com ela agora pelo telefone. Ela e seu marido eram judeus conservadores.

- Eu já me antecipei, mana. Vou almoçar com ela hoje.

Laura sentiu um suspiro de alívio do outro lado da linha de seu smartphone.

- Converse com ela. Faça-a ponderar bem sobre sua decisão. Ela precisa realmente saber se está pronta, Laura. É muita responsabilidade...

- Ela é uma menina decidida. Acho que já fez sua escolha. Já tem dezoito anos de idade, mas vamos conversar bastante sobre a decisão dela.

- Obrigada, mana. Você sabe como ela gosta de você.

NINA

Ela escolheu aquela cafeteria. Aquilo era um clássico. Ela adorava aquele lugar em Copacabana. Laura também. A Cafeteria Colúmbia tinha dois andares. Um elevador de grades antigo, levava às mesas redondas de ferro com suas bordas desenhadas. No primeiro andar ficava apenas o balcão antigo

onde senhores saboreavam o café em uma pequena xícara. Atrás do balcão, uma foto em preto e branco mostrava um senhor feliz abrindo a cafeteria no ano de mil novecentos e cinquenta. Era a foto da inauguração do estabelecimento.

Laura pegou o antigo elevador. No segundo andar, viu que a confeitaria estava lotada. Teria que aguardar uma mesa. Então em meio ao turbilhão de vozes alegres nas mesas ela a ouviu. Nina chegou mais cedo. (Já tem uma mesa para nós), Laura pensou. Quando ela sentou, elas trocaram um sorriso. Sua sobrinha era linda como uma judia pode ser. Olhos negros, cabelos lisos e negros.

Um garçom impecável se aproximou da mesa.

- Eu já pedi, tia. Aquele sanduíche de rosbife que eu adoro.

- Por que não pediu para mim também, Nina?

- Acho que a escolha é sempre do cliente.

Laura percebeu, Nina já sabia sobre o que seria a conversa.

- É sobre isto que vim falar, Nina. Sobre escolhas e decisões.

- Eu já me decidi, tia. É melhor não perder tempo e estragar um almoço tão especial.

Laura suspirou. Descansou sobre sua cadeira e olhou fixamente para a sobrinha.

- Mesmo com o pai decidindo não assumir o filho?

Ela fez um gesto, enfiou o dedo na garganta como se fosse vomitar. Laura achou graça.

- Aquele safado. É bom ele ficar longe de mim e de meu filho. Ele disse que meu filho seria um bastardo. Eu já te contei isto, tia? Bastardo! Laura se sentiu mal quando ouviu aquilo. Ela preferiu não estender o assunto. Os sanduíches de rosbife chegaram acompanhados de uma porção de batatas fritas perfeitamente cortadas em forma de pequenos retângulos. Partidos ao meio, os pães franceses revelavam uma fatia de rosbife da largura de três dedos.  
(Ela parece bem. Acho que vai dar tudo certo),

Laura pensou.

- Não deixe de me procurar se precisar de algo Nina.

Ela sorriu para Laura mastigando seu sanduíche.

- E você, tia?

- Eu o que?

- Já tem quase trinta anos. Vai ficar para titia? Você é bonitona. Lembra aquela modelo... Ela agradeceu com um sorriso o elogio da sobrinha.

- Eu simplesmente não me considero pronta para um compromisso sério ou qualquer outra coisa do gênero.

A sobrinha se lembrou da decepção da tia quando descobriu que Caio a traía. Eles tinham planos para o casamento. Foi um longo período de tristeza. A tia ganhou peso e Nina chegou a imaginar que ela estivesse com depressão.

- Não quer homens agora? É uma decisão sua que eu respeito, assim como você respeita as minhas escolhas, tia.

Laura tem um sorriso terno para Nina.

- Eu já te falei que você é minha sobrinha favorita?

- Claro! E nem precisava, você só tem uma sobrinha.

\*\*\*

Ela chegou a seu apartamento bem tarde.

(O trabalho está me matando. Eu preciso de férias, ela pensou). Abriu e ligou seu notebook depois que se serviu de uma taça de vinho.

Ficou pensando para onde ir. Quando viu estava sobre o mapa do estado de São Paulo.

Sentiu-se atraída pelo estado. (Que diabos uma carioca da gema como eu vai fazer numa cidade caipira de São Paulo?)

Então ela a viu no mapa. Era uma pequena cidade chamada "Padre Américo".

### Capítulo 3

Agora em seu sonho havia uma fazenda sinistra nos arredores de Padre Américo. Uma fazenda fantasma. A trilha era opressiva. A pequena estrada de terra seca seguia para algo que parecia ser uma grande escuridão. Então a névoa chegou. Laura se assustou. Viu algo escondido pela neblina. Algum tipo de animal. Logo ela percebeu que ele estava imóvel. Quando chegou perto sentiu o cheiro putrefato e azedo da morte. Era uma cadela decapitada. Laura sentiu uma mistura de asco e horror com aquela cena. Ela seguiu lentamente, como se não quisesse chamar a atenção para algo que seria um grande perigo atrás dos arbustos. Então a trilha dobra a direita e fica menor. O dia vai embora. Agora uma noite estranhamente clara toma conta do ambiente. Ela viu o espantalho. Ele estava andando pela trilha com seus braços de pano balançando pelo vento em uma dança macabra. Laura sentiu um arrepio de medo com a visão bisonha do espantalho andarilho. Ele passou por ela e foi embora. Mais alguns passos ela estava diante da velha mansão de madeira abandonada. Então ela acordou em pânico. Laura sonhou novamente com a cidade. Um sonho sombrio. Ela estava suando frio. Eram cinco horas da manhã, ela não ia conseguir mais dormir. Estava sozinha.

Ela percebeu novamente que nestas horas ela sentia falta de um homem ao seu lado. Laura se levantou. Andou até seu notebook. Não queria fazer aquilo. Desistiu. Foi até a sala. Ligou a televisão. Olhou desinteressada para o telejornal da madrugada. Desligou a TV. Preparou seu café e o tomou olhando para o nada. É cedo, eu posso tomar um café de verdade na padaria aí em frente, ela pensou.

\*\*\*

Laura vinha andando pela padaria em direção a única mesa vazia quando um homem distraído a ocupou. Laura simplesmente tropeçou em suas próprias pernas quando o viu. O café foi lançado em direção ao homem sentado à sua frente. Ensopou o terno dele. Laura levou as duas mãos ao seu rosto em um gesto de espanto e vergonha.

- Meu Deus!

Depois do susto ele olhou divertido para ela.

- Não faz mal. Achei até legal. Tem uma cena assim em um livro que estou lendo.

Ele tirou o paletó diante de uma assustada Laura e o descansou nas costas de sua cadeira.

Laura não sabia onde se esconder. A padaria toda olhava a cena. Ela estava muda.

- Escute, não tem problema. Hoje eu não tenho audiência. Só algumas petições para fazer...

- O senhor é advogado?

Laura conseguiu falar, depois se sentiu uma idiota.

- Sim, mas fique tranquila, eu não vou te processar.

Ele disse sorrindo para ela. Ficou feliz quando ela devolveu o sorriso.

- Esta era a última mesa vazia. Por que não senta e me faz companhia?

- Claro.

- Então vou pegar um café para a Senhora.

- Senhorita.

- Sente-se, por favor. Tem torradas e manteiga. A torta de limão daqui é fantástica. Vou trazer uma para nós dois.

Ela não falou nada, sentou-se em uma cadeira na frente dele. Ela o observou enquanto ele ia em direção ao balcão da padaria. Educado, gentil, um cavalheiro. Logo ele estava de volta. Ela diz:

- Meu nome é Laura.

Ele estendeu a mão dele a ela. Ela reparou que ele não tinha aliança no dedo.

- O meu é Mikael.

Os dois conversaram por um bom tempo. Quando se deram conta estavam atrasados para seus serviços. Antes de se despedirem, ele perguntou se ela costumava tomar café naquela padaria. Laura pensou antes de responder.

- Na verdade não, Mikael. Eu hoje caí da cama.

- Que pena...

Ela olhou firme nos olhos dele. Levantou e pegou o paletó ensopado da cadeira dele.  
- O paletó é minha responsabilidade. Assim que estiver limpo eu te aviso.  
Os dois trocaram seus telefones.

\*\*\*

Ela chegou a seu apartamento. Percebeu que estava encantada por aquele homem gentil. A conversa foi fácil. Uma química que ela nunca havia sentido antes. Nem mesmo Caio, seu único caso sério que a decepcionou, a havia impressionado como aquele homem. Apesar do cheiro forte do café no paletó ela sentiu o perfume dele. Depois guardou a peça com carinho no armário. Então viu o notebook. Lembrou-se da cidade em seus sonhos, ou melhor, pesadelos.

Ela entrou no Google e teclou: “Cidade de Padre Américo, São Paulo”. Depois, apreensiva, clicou em imagens. Então ela viu. Laura viu atrações como o Instituto Manoel Sidra, um casarão reformado que conta a trajetória do músico nascido na cidade. Viu as casas coloridas, ora azul, ora amarelo, ora vermelho. A ladeira de paralelepípedos complementa a arquitetura local até chegar à Avenida Celso Portinho, que acompanhava a marginal do Rio. Era exatamente a cidade que ela sonhou. A cidade de que nunca havia ouvido falar. A cidade onde nunca esteve.

\*\*\*

- Seu paletó está pronto.

- Que ótimo. Eu estava precisando mesmo.

- Você não me disse que só tinha este.

Não é isto. Eu tenho vários ternos. O que eu precisava mesmo era ver você novamente.

Ela sorriu quando ouviu aquilo.

Depois pensou. Pensou se devia convidá-lo para pegar o paletó em seu apartamento.

- Escute Laura. Eu quero te levar a um lugar especial para um almoço inesquecível no próximo sábado. É na cafeteria Colúmbia, em Copacabana. Você já ouviu falar dela?

- É uma das minhas preferidas.

- Lá tem um sanduíche de rosbife que é um sonho, Laura. No fim de semana não fica tão cheio. Eu quero que você me conheça de verdade.

Laura sorriu quando se lembrou do sanduíche preferido dela. Da última vez que ela o comeu sua sobrinha perguntou por que ela era sozinha.

- Claro. Eu levo o paletó, Mikael.

- E quem está preocupado com o paletó Laura?

\*\*\*

Quando Nina chegou à Cafeteria Colúmbia Laura não ficou surpresa, era hábito da sobrinha ir até lá. Laura e Mikael estavam em

uma conversa animada sobre livros. Assim que ela os viu, sorriu para a tia e foi em direção a eles. Laura se levantou e as duas se beijaram.

- Que surpresa agradável, tia.

- Nina, este é Mikael. Um amigo meu.

Nina sorriu para o senhor junto a sua tia.

- Prazer, Senhor Mikael.

- O prazer é meu, Nina. Quer sentar com a gente?

-Não, obrigada. Minha tia vai me mostrar onde é o banheiro. Vamos refazer a maquiagem, tia.

Mikael sorriu.

-Eu as aguardo, Laura.

No banheiro, de frente ao espelho, Nina sorria para ela.

- Ele é bonito. Como o conheceu?

- Eu derramei café no terno dele.

- Sério?

Eu tropecei e joguei meu café todo no terno dele.

- E qual foi a reação dele?

- Me convidou para sentar em sua mesa.

- Romântico. Tem futuro?

- Por enquanto ele me encantou...

Subitamente Nina ficou preocupada com a tia.

Outra decepção após seu fracasso com Caio seria bem dolorido para Laura.

- Não ceda rápido. No fim os homens detestam isso, tia.

Quando as duas voltaram à mesa, Nina se despediu dos dois.

- Eu vi minha tia lá de baixo e só vim cumprimentá-la. Adeus, senhor Mikael, tenham uma boa tarde.

Eles continuaram conversando sobre seus sonhos. Sobre suas infâncias. Ela contou a ele como tinha um carinho especial por sua família adotiva.

- Diferentemente dos pais biológicos, o fato de vocês terem me adotado revela a absoluta certeza que a decisão de vocês foi baseada totalmente no amor.

- Onde ouviu isso, Mikael?

Em algum lugar por aí.

Quando perceberam a tarde estava acabando.

- Você mora onde, Laura?

- Eu moro no Leme.

- Eu também.

- Então vamos caminhando até lá pela praia de Copacabana.

O fim de tarde foi agradável. A brisa trazia junto a maresia do mar de Copacabana.

- Você acredita em médiuns, Mikael?

- Pergunta estranha de quem viveu em um lar judeu.

- Meus pais eram uma senhora e um senhor de idade avançada. Adotaram-me quando eu era muito pequena. Não eram ortodoxos. Já minha irmã casou com um rabino. Se ele ouvir esta minha pergunta eu vou ouvir um sermão e tanto.

- Por que pergunta isso, Laura?

Ela pensou se devia contar a ele. Decidiu que sim. Tinha algo muito forte nascendo entre os dois.

- Eu tenho sonhado habitualmente com uma cidade que eu nem sabia se existia.

- A resposta para esta sua pergunta é um clássico.

Ela olhou para ele curiosa, ele continua:

- “Existem muito mais coisas entre o céu e a terra do que imagina a nossa vã filosofia.”

Quando chegaram ao prédio onde ela morava, Laura perguntou a ele se morava ali por perto.

- Na verdade, eu não moro aqui no Leme. Eu moro em Ipanema. Mas valeu pela caminhada ao seu lado.

Você me pegou, Mikael. Ela pensou e disse:

- Tanta gentileza assim merece pelo menos um cafezinho. Venha comigo, eu preparo um para você. É cedo ainda.

Naquela noite ela não sonhou, não teve aqueles pesadelos. Dormiu profundamente ao lado do homem que amava.

## Capítulo 4

Três noites depois, ela voltou a sonhar. Era um quarto escuro, ela não podia ver nada, mas Laura sabia que nunca esteve lá.

- Salve-a!

Ela ouviu a voz desesperada vindo da escuridão. Do nada as luzes se acenderam. Não havia pessoa alguma, apenas a mesma cadela decapitada que ela viu em outro sonho. Mas desta vez era diferente, o quarto estava repleto de sangue. A cabeça ao lado. Então ela sentiu o gosto metálico do sangue em sua boca.

- Salve-a!

Ela acordou do sonho. Mikael não estava ao lado dela. Ele ainda estava de viagem durante uma semana a trabalho. Ela sentiu falta dele. Depois pensou em seu sonho. Era como se alguém importante para ela estivesse precisando de sua ajuda naquela cidade. Era sempre assim. Repetitivo. Como se alguém fosse ser morto e só ela pudesse impedir aquilo. (É tudo uma loucura), Laura pensou.

\*\*\*

- Você está meio triste hoje, Laura. Não me diga que vocês terminaram!

- Claro que não! Ele está viajando, já faz quase uma semana que não o vejo. Eu sinto a falta dele.

A amiga se alegrou. Laura percebeu.

- Ele me liga todo dia. Sente minha falta. É recíproco.

Assim que Laura falou, o telefone tocou, era ele. Ela atendeu feliz.

- Então, ainda sente minha falta?

- Todos os dias.

- Amanhã eu tenho uma surpresa especial para você.

Ela sorri:

- O que seria?

- Primeiro um convite.

Ela fica muda. Prestando atenção no que ele ia falar.

- Eu quero fazer um jantar especial para nós dois em meu apartamento. A surpresa é o que vou preparar para comermos.

Laura ficou alegre, quase eufórica. Nunca um homem cozinhou para ela antes.

\*\*\*

O coração dela bateu forte. É aqui que ele mora, ela pensou. Cumprimentou o porteiro. Ali, quando conhece onde ele morava, ela percebeu. Estava mesmo apaixonada por ele. Seu coração batia mais forte na medida em que o elevador ia ao encontro do andar dele. Quando ela chegou sorriu feliz. Ele a estava

esperando na porta do seu apartamento. Deu a mão a ela.

- É aqui que eu moro, Laura.

Ela entrou e observou a bela decoração moderna e simples ao mesmo tempo.

- Venha, eu vou te mostrar o apartamento. A cozinha é americana, praticamente uma extensão da sala.

Ela já tinha percebido. O apartamento era pequeno, mas muito bem localizado em um dos pontos nobres de Ipanema. Os dois foram em direção ao interior do apartamento. O quarto tinha uma cama de casal, aquilo chamou a atenção dela. Tinha um perfume refrescante de lavanda. O ar condicionado estava ligado. O outro quarto servia de escritório.

- É aqui que trabalho como advogado, quando não estou no fórum. A maioria dos meus clientes são fazendeiros de São Paulo. Por isso viajo tanto.

Eles foram até a sala. Ela sentou-se em um sofá confortável e Mikael foi até a cozinha.

Logo trazia duas taças de vinho na mão.

- Ainda tem um lugar que você não conhece.

Era uma varanda atrás da sala, de frente para uma vista agradável de onde ao longe ela via uma parte da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Tinha uma pequena mesa redonda de vidro e duas cadeiras que pareciam tecidas por bambus finos. Ela adorou o local. Os dois se sentaram e brindaram.

- Eu não tenho o hábito de beber, mas este vinho branco é uma beleza, Mikael.  
- É de uma safra diferenciada. Eu estava esperando um momento especial para abri-lo.  
- Estou curiosa. Qual vai ser o almoço?  
- O que vai bem com um vinho branco?  
- Agora fiquei mais curiosa.  
- Você vai provar um filé de linguado com alcaparras. Se não gostar a gente pede um hambúrguer mesmo.

Ela riu.

- Eu adoro peixe, mas linguado eu nunca provei. Dizem que é uma fortuna.  
Ela estava só com ele. No apartamento dele. Uma brisa leve balançava seus cabelos longos, negros e finos. Ela se sentia à vontade com Mikael.

- Mas se eu não gostar eu prefiro uma salada mesmo. Nada de hambúrguer, estou precisando perder peso.

Eles trocaram um sorriso. O almoço estava uma delícia, leve e saboroso.

- Nem parece que acabei de comer, estou me sentindo leve como uma pluma.

- Ótimo, fico feliz que tenha aprovado minha surpresa.

Ele se levantou de sua cadeira e deu a mão a ela. Ela acompanhou o gesto dele. Na manhã seguinte ela estava acordada ao lado dele, descansando a cabeça em seu ombro. Quais são seus planos para o futuro, Mikael? Ela pensou, mas não falou nada.

- É sábado, o que vai fazer hoje, Laura?

- Normalmente eu vou à praia do Leme, tenho alguns amigos de longa data ali. Quer conhecê-los?

Mikael parou para pensar. Era um risco muito grande ser visto com outra mulher por algum conhecido.

- Fique comigo, Laura. A gente vê um filme e você pede aquela salada que você falou. Ao seu lado o tempo passa rápido.

Ela adorou o que ele falou. Mas tomou uma decisão, precisava deixar algo claro para ele.

- Eu já vou, Mikael. O almoço, você, a noite foi ótima, mas quero que saiba que eu não sou uma mulher apenas em busca de sexo e uma eventual companhia.

(A mesma ladainha de sempre, eu podia arranjar algo melhor. Mas ainda não terminei com ela. Não vou deixá-la escapar tão rápido), Mikael pensou. Já sabia o que falar, mas antes que ele abrisse a boca, ela delicadamente cobriu a boca dele com sua mão direita.

- Não fale nada Mikael, apenas me ligue amanhã se tiver planos para nós dois.

\*\*\*

Ele ligou enquanto ela estava na praia, Laura ficou eufórica, em silêncio. As amigas na praia perceberam.

- Não é um casinho qualquer, Laura. Eu estou apaixonado, quero que você saiba disso.

Tenho muito mais do que planos para nós dois. Nunca ninguém mexeu comigo como você.

Laura quase pulou de alegria de sua cadeira de praia.

- Você me fez a mulher mais feliz do mundo. As amigas sorriram uma para a outra com a felicidade de Laura ao telefone.

- Esta noite eu vou te levar a um lugar especial, um restaurante maravilhoso. Lá podemos conversar sobre nosso relacionamento.

- Eu aceito o convite! Onde é?

- Você ainda não sabe que eu adoro surpresas? Eu te pego às sete e meia da noite em seu apartamento.

- Não vejo a hora!

Assim que ela desligou o telefone as amigas ficaram entre eufóricas e curiosas. Como ele é? O que ele faz?

- Ele é elegante e gentil. Carismático. Um grande advogado.

As amigas perceberam que algo muito forte estava nascendo no coração de Laura.

## Capítulo 5

Laura acordou. Mais um pesadelo terrível. Ela tenta colocar seus pensamentos em ordem. Tenta entender o que está acontecendo. No sonho ela estava atrás de um enorme casarão, o mesmo casarão dos outros pesadelos. Tinha ultrapassado aquela fronteira. Agora uma nova trilha de barro seco terminava em um pequeno barraco de madeira. Ela foi em direção ao barraco, a noite chegou subitamente. Uma noite estranhamente clara e não havia lua no céu. Assim que chegou a porta o medo deu lugar ao terror, que deu lugar ao pânico. Ela acordou. Estava ao lado dele. Mikael olhava para ela.

- Você está bem?

Ela fica olhando para ele:

-Foi um daqueles pesadelos horrorosos dos quais eu já te falei. É simplesmente inexplicável. É como se alguém precisasse de minha ajuda contra um mal eminente.

Ele se senta ao lado dela na cama.

- Você gritou em seu sonho. O que posso fazer para ajudá-la?

Ela olhou para ele com ternura.

- Nada. Eu acho que estou precisando mesmo é de um psiquiatra.

Ela falou sorrindo para ele.

- Nunca mais diga uma bobagem desta.

Ele a abraçou carinhosamente

São cinco horas da manhã. Você acha que consegue dormir novamente, Laura?

- Sinceramente acho que não. Sinto muito Mikael. Eu não queria atrapalhar seu sono. Eu vou para casa.

- Nada disto. Eu te levo para casa. Depois vou direto para o interior de São Paulo. Volto em seis dias. Mas não deixo de te ligar.

Assim que eles saíram de seu apartamento, Laura percebeu algo estranho. Ele escondia a chave de sua residência debaixo do pequeno tapete à frente da porta do apartamento. Ela nunca havia reparado naquilo.

- Vamos, Laura. Quem sabe você não consegue dormir mais um pouco quando chegar a seu apartamento?

\*\*\*

- Então? Como foi o seu primeiro dia de trabalho no aeroporto do Galeão?

- É tudo muito simples, fácil. Checar a passagem, pesar e despachar malas pela esteira.

- Mas o salário é bom?

- Claro, e o ambiente é ótimo. A gente sempre vê celebridades.

- Eles te receberam bem?

- É uma grande empresa, uma multinacional. Eles sabem que minha gravidez durante o treinamento não foi intencional ou algo assim. Fui bem recebida.

- Ótimo, então vamos comemorar...

Laura foi até a geladeira e trouxe uma jarra de suco de laranja. Depois pegou alguns biscoitos e colocou tudo na mesa da copa.

As duas se sentaram junto à mesa.

- E os sonhos, tia?

Laura suspira.

- Eles vão e voltam.

Nina percebe a preocupação, quase uma aflição no rosto de Laura.

- São apenas sonhos, tia...

Laura se lembrou de um versículo da bíblia sobre médiuns.

“Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor”

- Só sei que eles estão me deixando quase louca...

Nina sentiu necessidade de mudar de assunto.

- E o príncipe encantado?

Agora Laura sorri.

Ele está em viagem. Volta depois de amanhã.

- E quando teremos copos quebrados?

- Ele não é judeu, Nina. É um católico não praticante. Casaremos apenas no civil, se tudo der certo.

Nina se alegrou quando ouviu aquilo, eles já estavam falando em casamento.

- Fico feliz, tia. Tenho certeza que tudo vai dar certo.

\*\*\*

- Você quer que eu te leve ao aeroporto do Galeão?

Mikael sorriu para sua esposa.

- Adianta falar que não precisa. Você sempre me acompanha mesmo, Ingrid.

## Capítulo 6

- Então? Ainda é sua primeira semana de trabalho. Alguma dificuldade Nina?

- Não, senhor Dorival. Até aqui tudo bem...

- Ótimo, mas se precisar de ajuda sabe onde me encontrar.

A manhã seguia tranquila no aeroporto do Galeão. Era apenas mais uma segunda-feira de pouco movimento. Então Nina o viu. Era ele. A nova paixão de sua tia. O que ele estaria fazendo ali? Pensou em ir em direção a ele para cumprimentá-lo.

- Kátia, eu estou vendo um amigo bem ali. Eu vou lá dar um abraço nele e já volto.

- Faltam quinze minutos para o seu plantão. Não vá perder a hora.

- Sem problemas.

Quando ia se aproximando dele, Nina paralisou. Uma loira bonita, uma comissária de bordo estava com ele. De longe ela não viu. Mas agora o via dar um longo beijo na boca dela. Ela ficou chocada.

- Não pode ser...

Ela falou sozinha, deu as costas a eles e foi de volta em direção a seu local de trabalho.

Tentou manter a calma.

- Kátia, você conhece aquela senhora bonita lá na frente com o uniforme de comissária de bordo?

Kátia se esforça para encontrar a moça com seus olhos.

- Claro, aquela é Ingrid, comissária de bordo da KLM.

- E aquele homem ao lado dela?

- É o marido dela, um homem sem dúvida apaixonado. Ele sempre a traz até o aeroporto antes de suas longas viagens e fica esperando até o avião decolar. É comum ela ficar dias em viagem. Por que o interesse?

Nina fica calada, muda. Chocada.

(Merda, minha tia vai direto para os braços do cafajeste). Nina pensou. Não sabia ainda como contar a sua tia sobre Mikael. Teria que ter uma prova definitiva. Isto foi fácil. Com a ajuda de um conhecido do escritório da KLM e algum dinheiro na mão ela conseguiu uma cópia da ficha pessoal da comissária de Bordo. Ingrid Van Stark, mãe de dois filhos, casada com Mikael Stark. Era tudo que precisava.

\*\*\*

- Está tudo bem, Nina?

A tia perguntou preocupada. Ela sentiu que tinha algo errado assim que a sobrinha entrou porta adentro em seu apartamento.

-Tia, sinceramente, eu não sei nem por onde começar...

Laura ficou calada, muda.

- É algo...

- É sobre o bebê?

A sobrinha suspirou. Melhor ser direta, ela pensou.

- É algo sobre Mikael. Ele não é o homem que você pensa. Ele é casado, tia.

Laura por alguns instantes não absorveu a informação.

- Não pode ser...

Nina se sentia como se tivesse a missão mais difícil de sua vida

- Eu o vi no aeroporto com a esposa. Ela é comissária de bordo.

- Só pode ser um engano...

Laura falou. Mas era visível que ela estava começando a ficar abalada.

- Ele costuma viajar muito, não é?

Supostamente para visitar clientes no interior, não é?

- Sim...

- Não é verdade, tia. Ele não viaja. Ela é que viaja como comissária de bordo. Então ele te procura. Quando ela volta, ele inventa essas viagens e fica com ela.

Laura agora parecia em estado de choque, Depois de algum silêncio, ela disse pensativa:

- Ele está me usando para ter sexo fácil.

Depois de alguns segundos, uma estática

Laura continuou:

- Nenhum homem pode ser tão canalha assim...

O clima estava tenso. Laura precisava de uma prova. Nina puxou a cópia da ficha de Ingrid.

- O nome dela é Ingrid, tia. Provavelmente não sabe de nada. É mais uma vítima do cafajeste.

Laura leu na ficha. Ingrid, casada com Mikael Stark.

Ela se levanta e vai até a janela. Fica olhando perdida para a paisagem. Nina atrás dela.

Laura limpa as lágrimas dos olhos.

- Eu sinto muito, tia...

- Sente por quê?

Agora ela se volta para a sobrinha. Estava fria como um balde de gelo.

- Por ter me livrado de um mentiroso?

Então Laura solta uma risada amarga.

- Eu contei a ele sobre meus pesadelos e perguntei se ele acreditava em médiuns. A imbecil aqui não sabia nem enxergar que ele era casado. Na certa ele me acha uma idiota. Nina se levanta e abraça Laura. Um abraço terno e sem resposta por parte da tia. Ela estava fria como neve. Laura se lembra da chave em baixo do tapete. (Claro, como explicar para a esposa a chave de um apartamento que ela nem sabia que existia).

- Então é isto. Aquele apartamento é só para sua diversão. Tratar mulheres como prostitutas e ainda por cima sem pagar nada. Nina se desfez do abraço.

- Esqueça dele, tia.

- Quanto tempo ela vai ficar fora desta vez, Nina?

- Só três dias. Ele já ligou, tia?

Assim que a sobrinha falou o telefone fixo tocou, era ele. Laura atendeu o telefone:

- Então amor? Já estou na cidade. Vamos nos encontrar onde? No meu ou no seu apartamento?

Laura conseguiu falar como se não soubesse de nada:

- Prefiro o seu. Gosto do perfume dele.

A sobrinha ficou espantada com a frieza dela quando entendeu que era ele no telefone.

- Mas agora eu estou em uma situação meio complicada aqui com minha sobrinha, eu te ligo assim que puder.

- Que pena. Vai me ligar hoje mesmo? Desta vez eu só tenho duas noites. Daqui a três dias viajo novamente.

A voz de Laura ficou mais maliciosa do que nunca.

- Prometo que você não perde por esperar, vai ser uma surpresa e tanto.

Quando desligou o telefone Laura olhou firme para a sobrinha.

- Obrigada, Nina. Agora é comigo. Esqueça esta história. Nesta ficha tem o telefone da esposa dele?

\*\*\*

Mikael estava satisfeito. No início ficou com aquela pulga atrás da orelha. Foram duas noites em que ela o rejeitou. Mas agora sabia o porquê. Ele não conhecia a história da

sobrinha dela. A jovem estava grávida e o namorado não assumiu a criança. Laura passou estes dois dias em tempo integral consolando-a. Agora estava livre para ele novamente. Então veio a boa notícia para ele. Ingrid ligou. O avião passaria por uma rápida revisão e ela chegaria um dia atrasado.

- Então fica combinado, eu te espero para o jantar em meu apartamento, Laura.
- Combinado. Como eu disse você não perde por esperar estes dois dias. Um beijo.

\*\*\*

A porta se abriu, era Mikael chegando ao seu apartamento em Ipanema. Então, a pior surpresa possível o estava esperando. Era Ingrid, sua esposa, ao lado de Laura. Ingrid tinha um sorriso debochado e agressivo.

- Eu custei a acreditar quando esta moça me contou sua história.

Mikael estava branco como neve, completamente sem ação ou fala. Laura se aproximou dele.

- Eu fiz uma cópia da chave e dei a sua esposa, afinal o que é seu é dela.

Quando saiu, a última palavra que ouviu de Ingrid para o marido foi um grito.

“Canaaaalha!”.

## Capítulo 7

Nina chegou ao seu trabalho no aeroporto. Ainda faltava meia hora para assumir seu posto no balcão da empresa, foi quando Márcio, o rapaz que trabalhava na KLM e cedeu a ficha de Ingrid a ela, ligou em seu smartphone, parecia preocupado.

- Nina, me encontre no terraço. Lá de onde vemos os aviões. É urgente.

Ela apressou o paço, não estava com um bom pressentimento. Só pode ser algo ligado a cópia da ficha que ela pediu a ele. Aquilo era ilegal. As informações são confidenciais. Logo estava ao lado dele, cercada pelo barulho infernal de aviões taxiando.

- Você já sabe?

- Sabe do que?

- A Ingrid está morta.

Aquilo assustou Nina. Ela ficou calada olhando para ele.

- Todo mundo já sabe, Nina. Foi uma explosão em um apartamento em Ipanema, o marido de Ingrid morreu junto, a polícia suspeita de um vazamento de gás acidental.

- Meus Deus!

Atônita, Nina conseguiu falar.

- Por que me pediu uma cópia da ficha dela há alguns dias atrás, Nina?

Nina ficou pensando, ainda perplexa em meio à notícia.

- É melhor não saber, Marcio.

Ele olha direto nos olhos de Nina. Parecia ameaçador. Ele diz em tom autoritário:

- Nunca conte a ninguém sobre eu te dar uma cópia da ficha. Apenas se lembre do que eu te falei agora.

Antes que ela dissesse algo, ele deu as costas a ela e foi embora. Nina olhou para o relógio, faltavam dez minutos para seu turno. Não podia simplesmente dar uma notícia como esta por telefone para a tia em dez minutos.

\*\*\*

Laura abriu o jornal, imediatamente uma pequena foto de um apartamento em chamas a noite chamou a atenção dela. Ela prendeu o fôlego.

“Acidente mata casal em incêndio em Ipanema”.

“O Senhor Mikael Stark e sua esposa, Ingrid Van Stark , um casal de adultos e meia idade faleceram em um incêndio ocorrido na Rua Vinicius de Moraes, nesta noite de terça feira. A Suspeita é que um vazamento acidental de gás provocou uma forte explosão que logo deixou o apartamento em chamas. Quando os bombeiros conseguiram controlar o incêndio e entrar no apartamento os dois já estavam mortos. ”

Laura parou, não conseguia ver mais nada. Correu para o banheiro, precisava vomitar.

Ali sentada no chão ao lado da privada cheia de vômito ela tentava raciocinar confusa e incrédula com a notícia. Seria tudo só uma coincidência? Será que ela se matou e levou ele junto? Ou o contrário?

\*\*\*

- Então tia? Como está lidando com isto tudo? Nina sempre direta. Laura pensou. Depois pegou a jarra de suco de laranja habitual e colocou-a junto aos copos na mesa. Ela suspirou.

- Às vezes acho que tudo não passa de um pesadelo.

- Não paro de pensar nisso, tia.

Laura não queria falar sobre aquilo, mas a sobrinha tinha razão. Fugir de um problema não resolve o problema. Laura fica calada, olhando para o nada.

- Será que o incêndio foi só um acidente, tia?

- Acidentes acontecem.

Nina observou sua tia, ela estava pálida. Era óbvio. (Tudo aquilo afetou profundamente Laura. Não tinha como ser de outra maneira), Nina pensou. Laura continuava olhando para o nada quando falou como se estivesse sozinha.

- Eu não tenho certeza, mas tem algo me deixando louca. Eu acho...

Nina estava em silêncio quando Laura se virou para a sobrinha.

- Eu acho que sonhei com um incêndio antes de tomar conhecimento da notícia.

\*\*\*

A noite ela sonhou de novo. Agora tinha aquele grito em meio àquela noite estranhamente clara:

- “Canaaalha!”

Era o grito de Ingrid, agora um grito que ecoava na cidade de Padre Américo. Ela acordou suando. Decidiu ali mesmo na cama. No dia seguinte iria para a cidade de Padre Américo. Tinha que descobrir o que estava acontecendo na cidade, ou em sua mente.

PARTE 2

ANNA

## Capítulo 1

### Rio de Janeiro

- Quantos anos você tem, Anna?

Anna ficou observando o homem à sua frente. Sua voz era estridente. Tinha um bigode grosso e negro, cabelos escuros ondulados e óculos que escondia mais ainda o seu rosto e ressaltava seus olhos castanhos. Ela não sabia se devia estar ali. A casa ampla e decorada com muito bom gosto emanava luxúria.

- Eu acabei de fazer dezoito anos, Senhor.

Hudson ainda estava fascinado pela beleza da menina. Morena, cabelos lisos e de olhos negros, rosto perfeito e um corpo espetacular.

- Ótimo. Você sabe o que fazemos aqui, querida?

Depois de um silêncio rápido e constrangedor ela apenas disse:

-Sim

- E isto te embaraça de alguma forma se for trabalhar aqui?

Anna pensou no que ia dizer:

-Eu vim do interior há pouco tempo, Senhor Hudson. Não conheço e ninguém me conhece na cidade, ou seja, não corro o risco de dar de cara com o marido de alguma amiga, um primo ou algo assim. Meu objetivo é me formar em comunicação. Eu tenho pouco dinheiro. Se não arranjar um emprego, logo vou ter que voltar para minha cidade natal. Se

for só de recepcionista, não me interessa o que acontece além daquelas portas de vidro atrás de mim.

- Trabalhar aqui pode me trazer problemas com seus pais?

- Minha mãe morreu. Meu pai já é um senhor de idade avançada. Não acredito que tenha saúde para vir ao Rio de Janeiro.

Ela não tinha a qualificação necessária para o cargo de recepcionista, mas Hudson tinha outros planos para ela. (Mais uma filha da pobreza caindo na gaiola). Ele pensou.

- Ótimo. O emprego é seu. Claudia, a outra recepcionista, vai te ajudar no início, depois você pega o jeito.

Ela agradeceu e se levantou. Antes de sair da sala ele a chamou. Ela olhou para trás.

- O curso de comunicação pode ser bem caro, mensalidade alta, livros... se quiser ganhar dinheiro de verdade é só se juntar ao time lá dentro, atrás da porta de vidro.

Ele tinha um sorriso macio e malicioso no rosto. Então Anna pensou em seu pai e decidiu. Não ia trabalhar ali, tinha que achar outro emprego. (Adeus Vip's, casa de mensagens), ela pensou.

\*\*\*

Ela continuou sua batalha economizando cada centavo. Mas as entrevistas não davam em nada. Anna não tinha experiência e nem

conhecimento. A noite ela estudava em um cursinho para prestar vestibular. Um dia, quando chegou à noite, exausta em seu quarto de pensão em um bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro tinha um recado para ela. Mas cansada, ela não viu o bilhete e dormiu. Só o leu pela manhã. Era da Senhora Estela, dona da pensão:

“Anna, uma amiga sua, de sua cidade natal ligou. Seu pai faleceu. Foi encontrado morto em sua cama. Sinto muito. O velório é amanhã. Se precisar de algo fale comigo”

Uma profunda tristeza preenche o peito de Anna. Ele não durou muito sem minha mãe, ela pensou. Lembrou-se dele ensinando judô a ela. Ele era instrutor na única academia da pequena cidade. Seu salário mal dava para o dia a dia da família. Eu consegui minha faixa preta e meu belo corpo graças a você e seus treinamentos papai. Ela pensou com um sorriso triste. Agora ela chorava, era um choro contido. Olha a hora do recado. Eram nove horas da noite de ontem, naquele momento ela estava em seu cursinho para a faculdade. Então entendeu. O enterro seria hoje. Impossível de se chegar a tempo. Eu sinto muito papai, sinto mesmo. Ela pensou chorando. Sentiu-se mal. Mas a vida continua. O pai mandava a ela quinhentos reais por mês, dinheiro de sua aposentadoria. Agora isso

acabou. Um dia ela se deu conta, suas reservas estavam acabando. Anna não arranjava emprego. Não tinha experiência nem conhecimentos. O máximo que conseguia em suas entrevistas eram cantadas de mau gosto e grosseiras. Então ela percebeu, só havia uma esperança de continuar em frente.

- O emprego ainda está à disposição, Senhor Hudson?

Anna trabalhou três anos lá. Tentou diversos empregos, mas sempre que apresentava seu currículo de recepcionista da casa de “massagens” com o belo corpo que tinha, só conseguia um sorriso malicioso de seus entrevistadores. Apesar da pressão de seu chefe ela nunca cedeu para a prostituição. Uma noite ele lhe apresentou um rapaz. Devia ter a idade dela.

- É a primeira vez que ele vem à Vips massagens, mas não se interessou por nenhuma menina. Ficou hipnotizado por você. Ele é rico, paga bem e é solteiro.

Ela disse um “não” tão direto e objetivo que o rapaz ficou furioso.

- Será que você pensa que é melhor do que as outras putas daqui?

- O que eu penso não é de sua conta, filhinho de papai.

O garoto ficou bem irritado.

- Deixa para lá. Eu pego outra puta mesmo.

- E outra coisa, puta é sua mãe.

- Minha mãe não trabalha em prostíbulo.

- Então seja homem e diga isto às moças atrás da porta de vidro. Eu duvido que seja homem para isto.

O rapaz foi embora pisando duro.

Naquela noite Hudson quase se arrependeu de tê-la contratado. Não conhecia este lado agressivo da “gentil” Anna, mas ainda tinha esperança. Se precisar de dinheiro fácil, ela será a joia da coroa, ele pensou.

Como Anna estudava e trabalhava a noite, de dia ela arranhou um bico vendendo bijuterias. Além disso, no fim de semana trabalhava de babá.

Deu certo. Trabalhou duro. Passou no vestibular para a faculdade de comunicação e se sustentava com muito sacrifício. Quando começou suas aulas deu de cara com algo agradável no campus da universidade. Era mais do que um aluno da faculdade. Ele era uma celebridade, um dos principais artistas de telenovelas do Brasil. Um jovem rapaz de olhos verdes e cabelos negros muito bem penteados para trás. Anna logo aprendeu que toda a universidade fez uma espécie de pacto de silêncio. Não o incomodar. Assim era certo que aquele prêmio para os olhos femininos ficaria por ali mesmo. Tudo estava indo bem, até que ela arranhou um emprego de secretária para um advogado e largou correndo seu trabalho na casa de massagem. Logo descobriu que o advogado era uma fraude. Quase não tinha clientes. Seu escritório

simples em Cascadura, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, estava sempre vazio. Ele a enrolava sobre assinar a carteira e pior, dava em cima dela todos os dias. Ela ficou só um mês. Saiu sem dinheiro algum.

\*\*\*

-- O trabalho de recepcionista ainda está disponível, Senhor Hudson?

- O único trabalho disponível agora é atrás das portas de vidro, Anna.

Seu pai estava morto. Fazer o que? Voltar a sua cidade e viver de que? O pagamento da pensão onde morava já está duas semanas atrasado e o pouco que tinha agora era para sua sobrevivência durante alguns dias.

Hudson percebeu que a menina finalmente estava encurralada pela vida.

- Anna, o ser humano se acostuma a tudo. Por que não faz uma experiência? Garanto que depois de um tempo, vai achar no fim, que tudo não passa de um trabalho como outro qualquer. Apenas faça uma experiência para se decidir. Se desistir ainda sai com mais dinheiro do que vai ganhar começando em qualquer profissão.

Hudson estava satisfeito. Ela não tinha saída. A arapuca estava armada.

## Capítulo 2

Clara já tinha mais de trinta anos. Apesar de seu belo corpo, isto a colocava no banco de reservas quando se tratava da procura dos lobos por meninas mais novas, o que em geral era a regra. Mas Hudson sabia que ela podia ser muito útil. Uma espécie de gerente do local, cuidando das moças, principalmente as mais novas. Agora ela estava diante de Anna, a mais nova aquisição do local. Uma beleza sem par ali dentro.

- Como vai? Meu nome é Branca. Você já tem um nome de guerra?

Anna apenas balançou a cabeça positivamente.

- Ótimo. Qual é?

- Cândida.

Clara sorriu para ela.

- Branca e Cândida! Angelical! A gente pode fazer uma boa dupla, não acha?

Anna nada falou. Branca percebeu. Anna estava completamente deslocada do ambiente, com muito medo, quase apavorada. A jovem realmente não queria estar ali naquele novo mundo que se abria diante de seus olhos. Não fazia parte daquele lugar.

(É só mais uma criança encurralada), Branca pensou.

- Pois bem, Cândida. Nós temos algumas regras. A primeira é aqui dentro esquecer seu verdadeiro nome, entendeu?

Anna continuou calada, olhando para o chão.

- A segunda é sempre usar camisinha. Nunca, para seu próprio bem, esqueça disto.

Anna agora olha para Branca, mas não fala nada.

- Você é uma linda mulher, os homens vão voar em você como gaviões caçando pintinhos. Homens de todas as espécies. Velhos, novos, casados, solteiros... E eles não estão à procura de algo como uma criança inocente aqui neste local. Hudson não admite reclamações.

Anna estava cada vez mais triste com o que vinha pela frente. Branca continuou:

- Uma sugestão que sempre dou é que limite sua profissão daquela porta para dentro. Não saia por aí com nenhum deles, mesmo que a proposta seja tentadora. Da última vez que uma jovem fez isto, era bem cedo quando me ligou. Ela estava no melhor hotel da cidade, mas o cara sumiu e a deixou lá, sozinha, com uma diária caríssima para pagar. Uma verdadeira ganância, inclusive com champanhe. O cara nem pagou pelos serviços dela. Não adiantou ela me ligar. Eu a deixei lá sozinha. Ela tinha que aprender sua lição. Aqui dentro cuidamos uma das outras, lá fora não. Boa sorte, Anna.

Anna ficou lá três semanas. Ganhou bastante dinheiro e um olhar angustiado em seu belo rosto. Um dia, um incidente com um de seus fregueses fez com que ela abandonasse de vez a profissão mais antiga do mundo. Ela o viu

de longe. Era o rapaz que a ofendeu quando ela era apenas uma recepcionista da casa de massagem. Ela tentou se esconder, mas o espaço era livre demais para isto. Então ele a viu. Agora eles estavam do outro lado do vidro e o jovem olhava para ela com desdém e uma espécie de sorriso que misturava lascívia e vingança ao mesmo tempo. Uma das prostitutas mais antigas do local estava fazendo um lanche. Ofereceu um pedaço de seu sanduíche ao rapaz.

- Não obrigado, hoje eu vim comer uma galinha.

Assim que o rapaz falou aquilo a garota de programa deixou seu sanduíche e fez um gesto com os braços como se fossem as asas de uma galinha, divertida. Mas o rapaz tinha seus olhos fixos em Anna.

- Vamos, vou te levar ao melhor quarto desta casa.

Ela passou uma hora com o rapaz. Largou o rapaz lá quando ele exigiu mais uma hora.

-No fim eu estava certo, você não passa de uma puta igual às outras.

- Foda-se.

Anna falou com desdém e se levantou.

O rapaz, furioso, a agarrou pelas costas enquanto ela se levantava da cama. Ele foi atirado ao chão com facilidade por ela.

Atônito a ouviu dizer com calma:

- Eu sou faixa preta de judô, criança.

Ela não falou mais nada. Ela foi para casa e nunca mais voltou à casa de massagem. Anna fez as contas. Já tinha dinheiro suficiente para uma nova tentativa na cidade. Pronta para a luta. Mas tudo mudou quando Fernando Del Valle, o galã de novelas que estudava na mesma faculdade, convidou-a para um café.

\*\*\*

- Se você vai mostrar estas bijuterias novamente, sou capaz de comprar tudo só para não termos que aguentar sua insistência de vendedora.

Anna falou com um sorriso no rosto para Sonia:

- Negócio fechado!

As três amigas estavam juntas no pátio da faculdade. Márcia olhou para Sonia aborrecida.

- Fale só por você, Sonia. O dia está lindo. Não vai querer estragar nosso descanso antes da próxima aula com seu mau humor. Eu quero ver mais algumas "jóias."

- Jóias? Daqui a pouco vai dizer que ela é uma revendedora da H. Stern.

Ricardinho se aproximou da mesa. O rapaz franzino e de cabelos castanhos encaracolados sentou-se sem cerimônia. Anna abriu satisfeita seu mostruário.

- Só por que você tem bom gosto eu deixo você escolher uma bijuteria de brinde, Márcia. Os olhos de Márcia brilharam. Imediatamente, sem nenhuma cerimônia, ela apontou para dois brincos folheados a ouro compridos, finos e em forma de "L".

- Mas eu tenho uma condição, Márcia. Eu quero que você o use um dia sim, um dia não na faculdade. Você vai ser meu merchandising.

Sonia, a bela loira de olhos azuis falou em tom solene:

- Petição.

-Venho por esta petição denunciar a vossa excelência que a estudante de comunicação Anna Bele tem iludido suas colegas de trabalho, especialmente as mais ingênuas a trabalhar em favor de seus negócios escusos, sem a devida remuneração.

Anna sorriu da brincadeira de Sonia. Aquilo era normal entre os estudantes da faculdade de direito. Marcia e Sonia eram estudantes de direito.

- Isto aqui sim é uma jóia de verdade. Sonia mostrou um de seus dedos. Tinha um anel de brilhantes nele.

- Autêntico Dior. Sonia falou.

Anna gostava de Sonia. Mas já tinha reparado algo nela que a incomodava. Sonia sempre tinha que estar em primeiro lugar.

- Os brincos ficaram bem em você, Márcia.

- Obrigada, Ricardinho.

- Ricardinho, o puxa saco de sempre.

- Obrigado, Sonia.

Foi quando o astro chegou. Então elas foram pegas de surpresa. Era Fernando Del Vale. O filho mais ilustre da Universidade.

- Posso me sentar por um instante com vocês?

As três consentiram imediatamente.

- Me conte como consegue?

Ele olhava para os olhos de Anna quando fez a pergunta. Ela ficou muda.

- Como consegue pagar sua mensalidade na faculdade de direito apenas vendendo bijuterias?

Depois de um tempo calada, olhando para a lenda a sua frente ela respondeu:

- Eu sou babá também.

Ele deu uma gargalhada curta.

Acho que banquei a idiota, Anna pensou.

-Isto é admirável. Nós dois somos iguais, Anna.

Ele sabe o nome dela, Sonia pensou com uma ponta de ressentimento, Márcia também reparou o fato. Não ficou surpresa. Anna era uma jovem linda. Atraía a atenção de todos os homens da universidade.

Anna recuperou seu fôlego.

- Como assim?

- Nós dois vivemos de arte.

Agora ela sorriu para ele, parecia estar mais à vontade.

- Claro, você é uma lenda das novelas e eu vendo bijuterias.

Ele suspirou e olhou para ela. Ela é realmente muito bonita, ele pensou.

- Com esta beleza toda, bem que você poderia trabalhar na televisão também.

Ele disse com calma olhando para ela. Ela gostou do que ele disse. Depois ele continuou:

-Agora as moças vão me dar licença, as aulas vão começar.

Ele se levantou, agradeceu a companhia delas e olhou para Ana.

- Um dia vou te convidar para tomar um café comigo. Quero aprender sobre seu poder de persuasão. Nada me admira mais do que uma boa vendedora.

\*\*\*

- Acho que chegou a hora daquele café.

Vamos tomar um café ótimo, Anna. Eu conheço um bar especial. Frequentado só por artistas. Lá podemos ficar à vontade.

Ela estava com ele ao telefone. Anna sentiu seu coração bater forte. Aquilo era o sonho de todas as jovens da universidade. Ela pensou em como andava sozinha desde que chegou ao Rio. Lembrou-se da frase de Josh Billings:

“Solidão: um lugar bom de visitar uma vez ou outra, mas ruim de adotar como morada...”

-

Vamos. Mas eu tenho que voltar cedo. Tenho um trabalho de babá hoje à noite.

- Claro! Pensou o que? Que eu ia te levar em um motel logo no nosso primeiro encontro?

Ele deu uma gargalhada. Anna sentiu alívio. Não era apenas uma cantada barata.

- Você me pega aqui, Del Vale?

- É Nando.

- O que?

- Fernando Dias, meu verdadeiro nome. Del Vale é um nome artístico registrado. Não vá contar para ninguém.

Ela sorriu do outro lado da linha.

Anna se sentiu honrada em compartilhar um segredo com ele.

- Juro que não conto a ninguém, Fernando.

- Quanto a te pegar, onde é aí?

Anna pensou. Não tinha motivo para esconder nada dele. Na verdade, ela tinha até certo orgulho de estar vencendo sua batalha contra a pobreza, em condições tão difíceis.

- É uma pensão no Méier.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos. Ela reparou que ele ficou mudo.

- Algum problema, Fernando?

- Claro que não. Mas eu não posso me expor.

Tem fã que é terrível, Anna. Ser uma celebridade significa perder toda a

privacidade. Mas eu já sei o que fazer. Eu te pego às seis horas da tarde, junto ao portão da estação de trem do bairro. Eu vou em um carro nacional para não chamar atenção. Um Fiat Uno verde escuro. Eu buzino para você. Como disse, o bar é só para artistas. Lá vamos ficar à vontade. Eu quero ouvir seus planos para o futuro.

- Tem muito artista lá no bar?

- Claro, é uma espécie de refúgio. Um local agradável. Eu te apresento a cada um dos artistas que estiverem lá. Mas não vá me trocar se algum bonitão der em cima de você. O tom da voz dele era divertido. Ele continuou:

- Peço que por enquanto não fale com suas amigas sobre nós. Isto pode perturbar minha privacidade na faculdade. Além disso, o bar é secreto. Um oásis para nossa classe.

- Claro, não vou contar nada. É só um café...

- Não é só um café, Anna. É você. Eu quero conhecê-la melhor. Você me encantou, menina.

Ela ficou feliz quando ouviu aquilo.

- Será que a Rosinha não vai sentir ciúmes? Fernando entendeu a brincadeira, Rosinha era a personagem que fazia par romântico com ele na novela.

- Ela é uma artista fantástica, Anna. Você vai conhecê-la, provavelmente esta noite, lá no bar.

Ela sorriu junto ao seu telefone.

- Sabe de uma coisa, Fernando? Você já me deixou à vontade. Não estou mais ansiosa porque vou sair com uma celebridade.  
- Então me chame de Nando.

\*\*\*

Um dia a notícia caiu como uma bomba na faculdade, aquilo era totalmente inesperado. Anna Bela e Fernando Del Valle vão se casar em breve.

### Capítulo 3

O noivado agora era público. A beleza de Anna, esposa de Fernando Del Valle, chamou a atenção. Ela virou modelo exclusiva das Joias Doro. Um novo mundo se abriu para a jovem pobre e do interior, um mundo de glamour e dinheiro. Eles se casaram. As amigas se afastaram dela, ou seria o contrário? Foram dois anos de sonho maravilhosos. Então veio a notícia. Fernando parecia abalado quando chegou a sua casa. Ele se jogou no sofá desanimado. Tinha uma visível decepção em seus olhos.

- Recebi um comunicado hoje. Estou fora do núcleo de novelas da TV Nacional como protagonista. Parece que tem galã novo no pedaço.

Anna ficou muda. Assim que assimilou a notícia, procurou palavras para consolar o marido, mas achou que aquele não era o melhor momento.

- O que pretende fazer, amor?

- Ainda estou pensando. Acho que vou procurar um diretor amigo meu da TV Tupã. Eles estão interessados em montar um núcleo de novelas para concorrer com a Rede Nacional.

Anna ficou preocupada. A rede Nacional tinha praticamente o monopólio das

telenovelas no Brasil. Aquilo da Tupã seria uma aventura bem perigosa.

- Acho que você devia esperar mais um pouco, Nando. A gente tem um mundo de dinheiro e eu ainda ganho muito bem como modelo. Além disso, você merece umas férias. No fim, quando a gente se acostuma com a fama é tudo só um trabalho como outro qualquer. Fernando olhou para Anna, parecia aborrecido.

- É fácil para você falar isto. Está no auge de sua carreira. Não se esqueça que fui eu quem te colocou na Jóias Stars. Se não fosse minha esposa, ainda estava vendendo bijuterias por aí.

Anna ficou surpresa e magoada. Aquilo era uma grosseria desnecessária, ele nunca a havia tratado assim. Pensou em responder a altura, mas ficou calada. Respeitou o mau momento do marido.

\*\*\*

Meses depois a novela fracassou. Fernando sabia. Estava liquidado para a televisão. As brigas viraram rotina. Fernando se mostrava cada vez mais intratável. Laura se esforçava para manter seu casamento:

- Que tal fazermos uma viagem, Nando. Eu não tenho nenhuma peça publicitária à vista. Nós precisamos clarear um pouco a mente, nós podemos ir a um lugar onde nunca fomos.

- Por que não vai à cozinha?

Anna ficou muda. Ele continuou, tinha um sorriso debochado no rosto.

- Você nunca esteve lá, seria sem dúvida uma experiência nova para você.

Ela agora fica irritada:

- Eu cozinhava para meu pai quando minha mãe morreu, mas aquilo era diferente.

- Por quê? A pobreza a obrigava? Agora não precisa mais...

- Não era por isso. Ele merecia e você não.

Ele foi calado para seu quarto.

Um dia após uma nova discussão, ele se acalmou e sentou-se ao lado dela. Tinha uma voz suave como a brisa do mar. Anna reparou que ele estava com uma barba rala, malfeita, agora sem os cuidados que sempre acompanhavam sua vaidade.

- Eu sempre fui fazendeiro. Na verdade, esta é a minha verdadeira profissão. Aprendi com meu pai até eu ser descoberto para a televisão.

Um velho duro e grosso, mas indiscutivelmente um fazendeiro de verdade.

Ele morreu, mas a fazenda ainda está lá. Uma grande produtora de leite e soja. A maior fazenda da cooperativa na região. Minha vida aqui acabou Anna Bela. Venha comigo. Venha conhecer a cidade mais caipira do Brasil, a cidade de Padre Américo.

Ela pensa no que vai dizer:

- Fernando, você sabe que saí do interior decidida a seguir um sonho. Tornar-me

jornalista. É o último ano da faculdade de comunicação. Lutei muito para chegar onde estou. Não posso largar tudo assim. Fernando deu um sorriso debochado para Anna.

- Lutou muito? Seu único trabalho para chegar aonde chegou foi casar-se comigo. Agora que eu preciso de uma esposa, descubro que talvez não tenha nenhuma. O sorriso debochado de Fernando indicou a Anna que a conversa havia terminado. Agora seriam as agressões de sempre. Ela se calou. Não queria brigas.

- Esta semana vou embora. Se não vier comigo nosso casamento acabou. Ele disse. Ela respondeu imediatamente.  
- Você tem uma esposa, Fernando. Eu vou a Padre Américo.

PARTE 3

CIDADE DE PADRE AMÉRICO

*Laura*

## Capítulo 1

- Já faz dez minutos e você ainda não falou nada desde que me deu bom dia.

Ryan olhou com seus olhos castanhos para Dorinha. Ele não falou nada. Apenas coçou o seu pescoço e suspirou fundo. Depois que terminou seu café, ele foi até as janelas do pequeno bar e lanchonete e olhou para as ruas desertas da cidade de Padre Américo. O homem de um metro e oitenta e cinco, forte como um touro ficou ali parado, olhando para o nada, depois se vira para a moça magrinha de cabelos negros curtos.

- Obrigado pelo café, Dorinha.

- De nada, se quiser continuar este animado papo é só me procurar. Você sabe onde me encontrar quando eu fecho o bar.

- Eu já sei disso, Dorinha.

Ele olhou para Dorinha e deu uma piscadela para ela. A moça sempre foi atirada mesmo. Tudo que ela queria segundo suas próprias palavras era viver a vida. Assim que saiu do bar, Ryan os viu entrando na lanchonete. O fazendeiro que era galã de novela, como sempre, estava acompanhado de seu segurança. Agora se cumprimentam com um gesto seco de suas cabeças, depois Ryan simplesmente caminha pelas ruas desertas da cidade. A névoa não tinha se dissipado ainda. Ele foi em direção ao Centro Histórico, passou

pela casa da ex-noiva. Lembrou-se dela; Maria deu um ultimato a ele. Ela queria ir embora daquele fim de mundo. Ele não foi. Sempre morou ali. Queria morrer ali. Agora a grande ironia. Com a inundação ele teria que ir embora sem esposa, como delegado da cidade seria o último a abandonar a cidade fantasma. Cidade fantasma. Agora Ryan sorri quando se lembrou de Riva com seus pesadelos: espantalhos andando pelas ruas da cidade em plena madrugada. Então, já no Centro Histórico, próximo a delegacia, ele viu os três rapazes chegando em duas motos.

- Saqueadores.

Ele falou sozinho. Ryan pensou no que restou na cidade. Além de Dorinha, havia o Bob Esponja, um pobre coitado chamado Paulo, com seu apelido dado por Dorinha por ser a esponjinha da cidade, pois estava sempre bêbado. Havia também Monique, a sonhadora que ainda estava na cidade com o marido, um psiquiatra e dedicado marido. Riva, o jovem pai solteiro e corajoso que enfrentou o preconceito da pequena cidade ao assumir uma prostituta com seu filho de dois anos chamado Cássio. Sheila com sua depressão que conversava com o filho imaginário que nunca teve. Eles não tinham a menor ideia de para onde ir após a grande enchente. Ryan tinha que protegê-los até o dilúvio, era está a sua função. Ele foi até a delegacia na vizinhança e pegou sua arma. Quando saiu

da delegacia, deu de cara com o prefeito da cidade. Assim que Ronald viu a arma na mão do delegado, ele entendeu o que estava acontecendo. Fez a pergunta de sempre:

- Vai precisar de ajuda, Ryan?

O delegado deu resposta de sempre:

- Obrigado, Ronald. Eu cuido disto.

O prefeito da cidade fantasma, Ronald, deu um “sim” com a cabeça. O político alto, gordo e careca vai ficar no barco até que o último cidadão deixe a cidade. Em sua mente, Ryan contou novamente um por um. Riva e seu filho, Monique e seu marido Jardel, Dorinha, Sheila, e o próprio Ronald, o prefeito. (Ah sim, eu me esqueci de Paulo, o “Bob Esponja”). Ele foi em direção aos rapazes com a arma escondida atrás da calça. Apenas parou na frente deles e ficou os olhando. A névoa cobria os pés deles. Um deles disse confiante:

- Nós viemos conhecer a cidade fantasma, senhor.

O jovem magro com um rosto coberto com um cavanhaque ruivo sorriu debochado para Ryan quando disse aquilo. Outros dois rapazes descem da motocicleta e encaram o delegado.

(Eles querem me intimidar, não sabem quem eu sou), Ryan pensou e disse:

- Então deem uma boa olhada no que estão olhando agora, porque é a única e última coisa que verão nessa cidade.

Eles temeram com a firmeza do homem forte a sua frente, mas não o suficiente, afinal eram três contra um. Quando o rapaz que falou com o delegado desceu de sua moto, Ryan tirou a arma de trás da calça.

- A não ser que queiram conhecer a cadeia da delegacia também.

Agora eles ficaram receosos de verdade com a rama. Um deles, o rapaz de barba ruiva, se mostrava falsamente indignado:

- Não viemos fazer nada errado.

- Claro que não.

Os rapazes ficaram mudos.

- Então? O que vai ser? Vão embora ou passar a noite na cadeia ao resistir à autoridade policial?

- Foda-se.

Ryan achou graça:

- Como é seu nome, rapaz?

- Para que quer saber? Nós já estávamos indo embora.

O delegado não falou nada. Os rapazes sentaram em suas motos e foram embora. (E pensar que esta cidade já foi um lugar tranquilo).

## Capítulo 2

Laura adormeceu. A viagem foi cansativa. Até a rodoviária de São Paulo ela ficou acordada, mas quando o ônibus que ia para Padre Américo caiu naquela grande escuridão estrada adentro, ela dormiu profundamente.

- A senhora vai ficar aqui, não vai? É a parada de Padre Américo.

Laura despertou de seu sono abruptamente. Cheguei, ela pensou. Depois de alguns segundos de letargia ela agradeceu ao motorista. Pegou sua mochila e se preparou para o desembarque. Então reparou que ela estava sozinha no ônibus. Por um momento imaginou que aquilo era um sonho.

- O que houve com os outros passageiros, Senhor?

- Todos eles já desembarcaram em outras cidades pelo caminho, Senhora.

Ela agradeceu a informação e se dirigiu a porta do ônibus. Quando se preparava para descer as escadas, Laura reparou que o motorista olhava para ela curioso, como se quisesse fazer uma pergunta, mas não falou nada. Laura desembarcou na pequena rodoviária. Ela ficou assustada. A rodoviária era parecida com a rodoviária de seus sonhos. Sentiu frio. Era inverno. Uma carioca como ela não estava acostumada a uma temperatura de sete graus. Mesmo bem agasalhada ela sentiu

a brisa fria em seu rosto. O ônibus foi embora. Agora ela estava sozinha. A primeira coisa que ela reparou na paisagem foi a névoa pesada. Além disso, tinha algo muito estranho. A rodoviária estava vazia, sem ninguém. A única lanchonete estava fechada. A banca de jornal também. Não tinha ninguém, nem mesmo qualquer passageiro. Laura olhou para seu relógio. Eram seis horas da manhã. Claro, muito cedo para uma pequena rodoviária afastada da cidade, estar funcionando normalmente. Nem uma viva alma. Ela seguiu em frente. Logo encontraria alguém para se localizar. Precisava saber que direção tomar para chegar à cidade. Não havia táxi, ela não viu nada como um ponto de ônibus ou algo assim. Não havia nenhum barulho, nenhum ruído.

O que é que eu faço agora? Laura pensou. Então decidiu seguir em frente, apenas caminhar. Após cinco minutos andando entre a névoa ela avistou de longe a sombra de uma senhora. Ótimo! Ela pensou. Quando chegou mais perto, uma pequena trilha de terra a levou até ela. Então a decepção. A “Senhora” era uma estátua de bronze de uma freira. Laura olhou com calma o cenário à sua frente. Cruzes e lápides.

- É um cemitério a céu aberto... ela falou sozinha.

Ela seguiu caminhando. Precisava achar alguém. Então, finalmente em meio à bruma

ela a viu a uns vinte metros de distância. Uma moça agachada, observando atentamente uma lápide. Laura suspirou aliviada e foi em direção a ela.

- Bom dia, Senhora.

A moça olhou para Laura. Era uma mulher pálida. Parecia ter os olhos amarelados e cansados. Vestia um véu que cobria parcialmente seu rosto. Depois, ela se volta para a lápide.

- É minha mãe...

Laura ficou sem saber o que falar. (Teria ela morrido recentemente?), Laura pensou.

- Meu nome é Sheila. O que deseja, Senhora?

- Meu nome é Laura, sinto muito pela sua mãe. Ela faleceu recentemente?

Sheila continuou olhando para a lápide.

- Não, mas nós éramos unidas, muito chegadas. Desde que eu soube da grande enchente que virá eu venho ao túmulo dela todos os dias.

Agora Sheila olha para o céu com seus olhos tristes e cabelos castanhos desarrumados atrás de seu véu.

- Ela vai ficar totalmente sem a luz do sol, debaixo da água para sempre. Por isso venho visitá-la. Por que depois da grande inundação isto nunca mais será possível.

Laura ficou em silêncio, lembrou-se do seu sonho. Sobre a grande enchente que quase destruiu a cidade. Por um momento duvidou da sanidade da moça.

- O que deseja, senhora Laura?

- Eu gostaria de chegar à cidade de Padre Américo.

Sheila se levantou e olhou firmemente para os olhos de Laura.

- A senhora é bonita.

Laura ficou muda por alguns segundos.

- Obrigada, Sheila. Não precisa me chamar de Senhora.

- Não tem como a Senhora errar. Apenas siga esta trilha de terra. Lá na frente, escondido pela névoa, a Senhora vai encontrar dois anjos. É o fim do cemitério. Depois apenas continue seguindo a trilha por uns quinze minutos. É só descida. Então vai chegar a uma construção abandonada, um viaduto sobre a estrada. A estrada vai dar no pátio que servia de mirante. É só olhar para baixo e certamente verá a torre da Igreja Matriz. Tem uma escada no pátio que a levará até ela. Uma descida longa, mas quando chegar ao fim estará bem no centro da cidade.

Laura agradeceu e seguiu as instruções da moça de olhos tristes. Ela começou a andar. Logo viu os dois anjos cercados pelas brumas. Eram duas estátuas. Uma de frente para outra fazendo uma espécie de portal. Laura seguiu em frente de acordo com o que ouviu de Sheila. A trilha seguia coberta de brumas. Ela pensou ter ouvido o latido de um cachorro ao longe e ouviu um canto. Parecia mais um lamento, de uma destas aves que só existem

no campo. Fora isso, um silêncio estranho em um campo aberto. Sem bosques. Não foi com esta cidade que eu sonhei, ela pensou. Sentia-se só como nunca. Mais vinte minutos de caminhada em meio à névoa e ela o viu. Era o viaduto inacabado acima de uma estrada asfaltada. Mais alguns metros pela estrada debaixo do viaduto ela chegou a um imenso pátio retangular, era o mirante do qual Sheila falou. Ela olhou para baixo e viu a torre da Igreja Matriz ao longe. É aqui, a cidade dos meus sonhos! Ela pensou arrepiada. Então começou a descer as escadas de pedra em direção a cidade de Padre Américo.

### Capítulo 3

- Bom dia!

Laura estava em frente ao homem.

Observou que ele era alto e forte, ombros largos, cabelos e olhos castanhos. Os cabelos quase encaracolados caíam pela sua testa. Estranhamente se sentiu segura ao lado daquele desconhecido.

- Bom dia, Senhor...

- Ryan.

Ela deu a mão a ele para cumprimentá-lo, sentiu o aperto de mão forte dele.

- Meu nome é Laura.

Ele ficou em silêncio.

(E agora? Começar por onde? Simplesmente contar meus sonhos e avisar que alguém vai ser morto na cidade?).

- O senhor poderia me informar onde fica a delegacia?

- Claro. Eu sou o delegado. Vamos até lá. Em que posso ajudá-la?

Ela olhou para ele. Ele se sentiu como se estivesse sendo avaliado.

O que eu faço agora? Eu conto que vim evitar uma morte por causa de sonhos? Na certa ele vai pensar que sou louca. Laura pensou. Ele começou a andar em direção a delegacia. Ryan reparou no sotaque carioca dela.

- Você é do Rio?

Ela sorriu.

- Percebeu pelo sotaque?

Ele sorria divertido para a paisagem quando falou:

- Eu sou policial. Minha profissão é descobrir e apurar fatos.

- Não vai me prender por causa do meu sotaque horrível, vai?

- Na verdade, eu não o acho p sotaque tão feio assim.

Os dois continuaram andando em direção a delegacia. A escada do mirante terminava na frente da Igreja Matriz, bem no meio do Centro Histórico da cidade, exatamente como ela sonhou, exatamente como viu pela internet as fotos da cidade. Eles desceram a rua de paralelepípedos com suas casas antigas de várias cores até chegar à Avenida Celso Portenho, a via que acompanhava as margens do poderoso rio. Ela parou por alguns segundos e ficou olhando para as águas através da neblina.

- A névoa é sempre tão pesada assim, Senhor Delegado?

- Isto é natural. A cidade é serrana, além disso...

Ela continua por ele:

- Além disso, o rio que desce pela montanha tem águas geladas, a neblina se condensa quando o ar úmido descansa sobre o rio.

Ele olhou para ela curioso.

- Como sabe disto, Senhora?

Laura se lembrou de seu sonho.

- Senhorita. Eu li por aí. Pode me chamar de Laura. Eu ainda não vi ninguém na cidade. A solidão por aqui é quase palpável.  
Ela falou olhando para o rio.

\*\*\*

Agora estavam juntos numa pequena casa colonial em frente ao rio que servia como delegacia. Lá dentro ele serviu um café a ela. Ryan disse orgulhoso:  
- O melhor café de toda a região  
O café é fraco e com muito açúcar.  
Exatamente como ela não gosta.  
-Então, Senhorita? Como posso ajudá-la?  
Ela pensou: E agora?  
Ela decidiu contar exatamente a verdade.  
(Seja o que Deus quiser).

## Capítulo 4

Bem-vindo ao hospício, Ryan pensou assim que terminou de ouvir a história dela. Sonhos, pesadelos repetitivos, ela acha que alguém precisava de sua ajuda na cidade. Além dela, Riva também tinha sonhos estranhos. Ele sonhava com o tal espantalho andando a noite pela cidade quase abandonada.

Laura pensa: Ele acha que eu sou louca, isto é óbvio, mas quem não acharia?

- O que eu faço, delegado? Ajude-me...

- Ele olha firmemente nos olhos dela.

-Foi a história mais estranha que já ouvi, Senhorita Laura. Mais estranha até do que a história do Tinoco.

Laura fica muda, olhando para ele, quase curiosa.

- Um dia, um rapaz que tinha uma roça na periferia da cidade me procurou. O nome dele era Antônio, mas era conhecido como Tinoco. O cara era violento, pavio curto, se envolvia em brigas toda noite. Uma vez passou uma noite na cadeia depois de estourar com as mãos o rosto de um pobre coitado qualquer. O fato é que ele me procurou com uma história bem esquisita.

Ryan se levanta, se serve de mais um café, vai com o bule até ela. Ela pigarreia, o café é horrível. Recusa o convite educadamente. Ele fica ao lado dela e continua:

- Ele queria saber se alguém encontrou o corpo de uma mulher lá para o lado da serra. Segundo ele, sua esposa foi para aquele lado na noite anterior e não voltou mais.

Laura reparou no sorriso irônico do rosto de Ryan.

- Tinoco podia ser bom de briga. Mas não era muito inteligente.

Um corpo... eu perguntei a ele, por que um corpo? Ela podia estar apenas perdida. Tinoco se enrolou. Disse apenas que estava preocupado com ela. Na verdade, ele estava ansioso. Queria saber se uma investigação havia começado. Foi fácil. Em uma hora de interrogatório mais pesado, Tinoco entregou tudo. Ele mesmo matou a esposa. Um tiro de bacamarte.

Agora ele senta-se à mesa, de frente para ela, olhando para ela.

- Tem mais alguma coisa que a Senhorita saiba e se esqueceu de me contar?

Por alguns segundos um silêncio inquisidor. Laura entendeu. Ele estava desconfiando dela. Ele acreditava que ela podia ter algo como um crime de Tinoco escondido por trás daquela história de sonhos. Laura ficou furiosa. (Eu não sou nenhum Tinoco, caipira idiota!) Ela pensou.

- Falei tudo o que sei, acredite se quiser.

Laura falou secamente. Depois se levantou e deu as costas a ele. Foi até o mural na parede lateral da delegacia. Entre fotos velhas de

criminosos e possíveis suspeitos, ela viu algo que chamou a atenção, uma parte de um jornal antigo. Uma reportagem sobre uma enchente devastadora na cidade. Ao lado da reportagem uma data. Mil novecentos e setenta e quatro. Laura esqueceu-se da grosseria do delegado. Estava curiosa. Ela se vira para ele.

- Eu sonhei com esta enchente. Em meu sonho eu conversava com uma mulher gentil sobre as consequências da inundação. Por esta foto no jornal parece que foi terrível mesmo.

- O rio transbordou e alagou toda a cidade. Ninguém estava preparado para aquilo. Acredito que não se pode prever uma coisa assim a tempo de se prevenir a tempo. A chuva pesada veio sem aviso. Laura se lembrou de Sheila no cemitério, a moça que falou sobre a grande enchente que estaria por chegar, deixando a tumba de sua mãe para sempre dentro do mar.

- Ryan, eu conheci... desculpe. Delegado...

- Nada disto, de agora em diante você me chama pelo meu nome, se não fizer isto eu vou considerar como desfeita.

Laura sorriu, um sorriso terno para ele.

- O mesmo vale para você, ok? Ou já esqueceu meu nome?

- Laura. Agora continue. O que ia contar?

- Bom, eu conheci uma jovem agora pela manhã quando passava em um cemitério ao lado da rodoviária. Não sabia como chegar à cidade, precisava de informação. No meio da conversa ela falou sobre uma grande e definitiva enchente. Achei estranho.

- Não se preocupe, muito antes da inundação nós seremos todos retirados. Quando as sirenes tocarem pela cidade inteira avisando que a obra de construção da represa vai começar a cidade já estará vazia. A cidade vai ficar debaixo de um lago, a quarenta metros de profundidade. Quase todo mundo já foi embora. Os poucos que ficaram como eu, não têm para onde ir. De qualquer maneira, como único policial da cidade, eu tenho que ficar aqui até a última alma sair desta cidade fantasma. É o progresso, Laura!

\*\*\*

Estava chovendo, isto era bom, ele pensou. Riva observa a chuva moderada que desce atrás de sua janela na Cidade de Padre Américo. Ele acabou de acordar, ficou ali em sua cama pensando em seu sonho. Novamente aquele pesadelo. No sonho,

havia uma paisagem morta como um cenário vazio. Apenas um horizonte sem montanhas, sem árvores, sem casas, sem nada. Como uma sala sem móveis. Somente a névoa. Uma névoa espessa, rasa e uniforme que cobria toda a paisagem. Era como um imenso tapete branco em um céu sem cor. Riva pensa no espantalho. Em seu pesadelo a coisa medonha e hostil apareceu na linha do horizonte e veio em direção a ele, olhando para ele com seus olhos humanos e braços de panos maltrapilhos balançando ao vento. Era ele novamente, o espantalho de seus pesadelos. Ele tinha olhos focados em algo terrível. Um grande mal acompanhava o espantalho...

Riva esqueceu seu sonho. Era de madrugada, duas e meia da manhã. Riva precisava voltar a dormir. Cássio exigia cada vez mais atenção, aquilo era compreensível. Não havia meninos na cidade para brincar com ele. Para onde iriam os dois depois da grande inundação? Riva pensou preocupado. O menino de três anos estava ao lado dele. Não era comum o menino dormir junto dele, mas nesta noite, Riva o deixou ficar ao seu lado. Ele se lembrou do diálogo entre os

dois nesta noite, quando Cássio se deitou ao seu lado:

- A mãe foi embora?

(O menino de dois anos sempre pergunta isto).

- Sim filho, ela partiu. Foi embora da cidade.

- Por quê?

Riva suspirou.

- Não sei filho... ela só se foi.

O menino estava muito triste, angustiado.

Falar o que? Que a ex-prostituta não nasceu para ser mãe?

- Não fique triste filho, eu cuido de você. Ele viu a chuva pela janela e achou aquilo bom. Não tem névoa quando chove, ele pensou. Então ele se deitou. Para onde vamos filho? Ele pensou mais uma vez preocupado com o futuro de seu filho. Então o sono veio pesado e Riva mergulhou na grande escuridão.

## PARTE 4

### ANNA

## Capítulo 1

- Não precisa terminar desse jeito, Anna. A cidade fica a duas horas de São Paulo. Nós temos um estúdio lá. Você pode continuar normalmente seu trabalho.

Anna se alegrou com a notícia de Marcos, seu empresário. Já estava conformada em voltar para o interior. A cidade de Padre Américo era menor do que sua cidade natal. Tinha um pequeno Centro Histórico, duas ou três ladeiras com suas casas coloridas herança da época áurea do café na região, mas agora o forte eram as plantações de soja impulsionadas pelas exportações cada vez mais intensas.

Ela se lembrou de Fernando:

“Eu conheço tudo sobre a produção de soja, fui criado pelo meu pai, que Deus o tenha, para ser dono da fazenda. Dinheiro não vai ser problema, ao contrário, acredito que o negócio vai prosperar ainda mais. O segredo é levar os funcionários com mão de ferro, como meu pai fazia.

Anna lembrou-se de quando saiu de sua pequena cidade com sonhos de vencer no Rio de Janeiro. Ela conseguiu, mas agora ia voltar para uma cidade parecida com a que sempre sonhou em deixar.

- Isto é ótimo, Marco, agradeço o convite para o trabalho. Eu já estava sentindo falta de um

pouco de civilização antes mesmo de chegar lá.

Os dois riram.

- Quando você vai partir?

- Ainda não sei. Fernando foi à frente para ajeitar tudo antes de minha chegada.

- Vou comunicar a filial de São Paulo que seu trabalho vai continuar por lá.

- Mais uma vez abrigada, Marco. Você me salvou.

\*\*\*

Fernando chegou à fazenda de surpresa.

Queria descobrir como andavam as coisas por lá. Assim que chegou viu algo que não o agradou. Ele chamou Francisco, o velho

administrador da fazenda. Um senhor de sessenta e oito anos que aos olhos de

Fernando não tinha mais o vigor necessário

para tocar o local como um empreendimento:

- Tem muita terra para poucas vacas. Você podia ter ocupado parte dela com plantações de soja.

O senhor fica calado. (Fernando nem deu bom dia). Ele pensou.

- Abata alguns bois. Deixe só os reprodutores.

Eles não vão valer muito no mercado de carnes, você os devia ter confinado.

Seu Francisco lembrou-se que sugeria a ele por carta o confinamento dos bois, mas

Fernando, no auge de sua carreira, nem respondia as cartas. Não falou nada.

- Use metade da área de pasto para plantação de soja.

- Sim, Senhor.

A conversa terminou. O homem velho se foi. Fernando agora olha para a enorme sala de visitas, exatamente a mesma de anos atrás. As paredes brancas com suas janelas e portas de madeira em forma de arco e chão de tábuas corridas, como toda a casa. Ele se dirigiu a parte que mais gostava da casa. A copa, tão grande como a sala de estar. Um lustre de cristal enfeita o teto decorado pelo gesso.

Duas pequenas mesas com gavetas, acompanhadas por espelhos, guardavam as laterais da porta de entrada. Do lado esquerdo uma prateleira com louças decorativas. Uma mesa de jacarandá para dez pessoas. Ele se lembrou de seu pai sentado na cabeceira do móvel, com a mãe e o pai sentados juntos.

Apesar de contar com duas cozinheiras, ela mesma preparava suas refeições. (Aquilo sim era mulher), ele pensou. Então ele viu o quadro em cima das prateleiras, uma pintura. O pai em pé numa posição de autoridade e a mãe sentada ao lado dele com as mãos no joelho, como convinha a uma boa esposa.

## Capítulo 2

- Já cheguei a São Paulo, Fernando. Estou no aeroporto. Agora vou até a rodoviária pegar o ônibus para Padre Américo.

Por alguns segundos ela imaginou que ele ia fazer uma surpresa e pegá-la de carro em São Paulo. Foi só sua imaginação.

- Como foi a viagem?

- Normal. Com óculos escuros ninguém me reconheceu, ou se reconheceu me deixou em paz.

- São sete e meia da noite, o único ônibus que passa em Padre Américo sai da estação às nove horas da noite. É melhor você se apressar.

- Claro, um beijo, querido. Quando chegar, tenho uma novidade para você. É sobre o meu trabalho.

\*\*\*

Durante a viagem, Anna observa a estrada caindo em uma escuridão sem fim. Sentiu-se triste. Não era aquilo que ela queria e havia planejado para o seu futuro, mas ele era seu marido. Pensou em filhos que ainda não tinham. Foi uma decisão consensual. Os dois pensaram na época que crianças seriam um peso para suas carreiras. Agora certamente iriam rediscutir a ideia de serem pais.

Certamente lá não seria como sua infância pobre. A fazenda seria a certeza de uma infância feliz e cheia de aventuras para possíveis filhos. Anna bocejou. Estava cansada, a viagem é grande, ela olha pela janela do ônibus e vê a grande escuridão.

\*\*\*

Ele estava satisfeito, o trabalho foi ótimo. Ele agradeceu ao pintor.

- Você conseguiu captar o espírito da imagem, amigo.

O pintor agradeceu. Recebeu seu pagamento. Entregou as fotos que usou como modelo de Fernando e Anna.

- Vasco, pegue dois homens. Eu quero que eles coloquem o quadro exatamente aqui, entendeu?

- Claro, Senhor Fernando.

Vasco era um homem alto, mais de um metro e noventa, magro, com olhos miúdos e pele enrugada apesar da idade. Trinta anos.

Normalmente calado, ele exercia a função de segurança da fazenda. Fernando aprovava o silêncio do homem e sua postura ameaçadora, como um bom segurança deve ter. Os dois homens terminaram de colocar o quadro na parede. Fernando ficou satisfeito com o que viu. O quadro estava ao lado da pintura dos pais dele. Ele em pé, uma posição autoritária e Anna sentada ao lado dele com as mãos no

joelho, como convinha a uma submissa e boa esposa.

-Ficou exatamente como eu imaginei, o trabalho está bom.

\*\*\*

-Depois conversamos sobre isto.

Anna sentiu raiva, ficou calada. Não tinha nada a decidir. Ela tinha um contrato. Queria trabalhar. Gostava de seu serviço. Ponto final. O café da manhã fica silencioso. A mesa de jacarandá da copa estava lotada de queijos, manteigas e todo tipo de pães e doces. Aquilo parece a Anna uma exibição desnecessária, para o café de apenas duas pessoas. Ela não conhecia nada sobre onde ia passar o resto de sua vida. Agora começa a sondar o ambiente, então ela viu o quadro. Fernando em pé, numa pose que mais lembrava um barão ou algo assim, e ela ao lado dele, sentada em uma cadeira com as mãos no joelho. Ao lado, um quadro similar mostrava outro casal nas mesmas posições. Somos nós e os pais dele. (Que coisa horrível), Anna pensou. Ela ainda estava com raiva dele por sua resposta sobre o trabalho em São Paulo.

- Aquele quadro ali não me agradou. Você devia ter me consultado antes.

Fernando olhou impassível para a esposa:

- Eu não sou seu empresário, sou seu marido. Uso e coloco meus quadros com você onde eu quiser.

Ele falou com calma e continuou tomando o seu café.

- Ótimo, faça como quiser.

Ele não falou nada. Anna preferiu ficar calada. Bastou uma noite e uma manhã naquele lugar para ela sentir que algo definitivamente mudou no comportamento de Fernando. Era como se aquele casarão fosse parte dele. Absorvendo-o por osmose. Se fundindo com ele. Agora ele estava com aquela barba horrível. Uma súbita ansiedade, quase um medo tomou conta dela.

Ele pergunta olhando para seu copo de café:

- Quer conhecer a fazenda?

- Prefiro primeiro conhecer a cidade.

- Não tem muito para se ver lá. Além disso, se quiser realmente conhecer o pouco que tem, o Vasco vai contigo.

- Quem é Vasco?

- Meu segurança.

- E precisa de um segurança comigo em uma cidade como Padre Américo?

A pergunta de Anna tinha um tom jocoso.

Agora ele olha firme nos olhos dela.

- Sem a minha presença, o Vasco vai acompanhá-la. Digamos que na nossa família esta é uma tradição. A mulher de um marido importante nunca anda por aí sozinha.

Anna desistiu do passeio, mas não falou nada. Agora tem um olhar desafiador para o marido quando diz:

-Depois não reclame!

Fernando continuava calmo. Agora olha com um sorriso debochado para a esposa.

- Isto me pareceu um tipo de ameaça...

Ela agora olha pela janela, para a lateral do casarão. Tanto na frente da casa como em suas laterais a paisagem estava morta. Somente barro seco e alguns arbustos e pouca grama. Atrás do casarão ficavam as imensas plantações de soja e o gado leiteiro. Ela se vira para o marido.

- Eu estou pensando em algo.

Ele olha desinteressado para a esposa.

- O que tem em mente?

- Um jardim verde com algumas flores.

Fernando sorriu para ela. Seria uma forma de mantê-la ocupada.

- Fique à vontade para fazer o seu jardim. Seu Francisco, o administrador da fazenda, vai providenciar o que você precisar. É só pedir a ele.

Depois de alguns minutos de silêncio, Fernando se levantou de sua cadeira junto à mesa. Tinha trabalho a fazer.

- Gostou do café?

- Gostei. Mas não precisava tanto.

Ele sorriu aquele sorriso cínico que parecia focar habitualmente na frente dela.

- Você nunca parece satisfeita.

Anna ficou calada.

- Eu vou chegar tarde hoje. Vou correr por toda a fazenda. Depois do almoço vou a São Carlos comprar inseticidas. Fique à vontade para pedir a Vasco o que precisar até a minha volta.

\*\*\*

No fim da tarde quando chegou, Fernando não encontrou Anna no casarão.

- Ela foi a São Paulo tratar dos detalhes de seu trabalho, Senhor Fernando.

Vasco viu o sorriso frio e estranho no rosto de Fernando.

### Capítulo 3

-Você devia ter me consultado antes de viajar para São Paulo.

- Eu te avisei sobre o trabalho.

Anna falou secamente. Os dois estavam acordados. Fernando se senta em sua cama e olha para ela:

- Eu tenho um presente para você, Anna.

Fernando estava surpreendentemente calmo, com um sorriso amável no rosto. Anna esperava uma briga de verdade após o “motim” dela, quando viajou sem o conhecimento dele. Ele foi até a sala e trouxe algo que ela adorava. Um filhote de labrador. Surpreendida, ela se apaixonou imediatamente pelo cachorrinho. Mesmo para um filhote o animal era bem grande e carinhoso. Ele caiu nos braços da sorridente Anna em meio aos mimos dela.

- Como adivinhou que eu adoro cachorros, Nando? Eu nunca te falei nada.

Ele sorriu para ela; sentou-se ao lado dela.

- Não sabia. Mas achei que ele tinha a sua cara. Ele é afável, extrovertido, ágil, inteligente, confiante, temperamento balanceado, gentil... E dá um ótimo cão de guarda. Aqui vai ser um paraíso para ele. São as vantagens de se morar numa fazenda.

- Claro que o quero! Ele já tem nome?

- Não, escolha um.

Ela parou para pensar.

- Zorra!

Fernando riu.

- A esposa do zorro?

- Não, Fernando, zorra de bagunça, o labrador é terrível. Você vai ver só.

- Fico feliz que tenha gostado tanto do meu presente.

Ela sorriu para ele.

- Em troca gostaria de merecer um favor seu, Anna

Ela ficou alerta. Seria sobre o trabalho dela?

- Se você pretende trabalhar em São Paulo uma ou duas vezes por mês eu peço que o Vasco te acompanhe.

(Meu Deus, que ridículo, isso sim é andar com um cão de guarda). Ela pensou.

- Na verdade não chega a tanto, Fernando. Eu só tiro fotos quando começa uma nova campanha publicitária. E isto pode levar meses...

- Ótimo, mas ele vai com você.

Anna fica por alguns segundos olhando para o marido.

- Do que tem medo, Fernando?

- Como assim? Você acha que eu te vigio para impedir que você me coloque um chifre ou algo assim?

- Meu Deus Fernando! Eu nunca pensei em algo assim. Eu sou uma mulher honesta, idiota!

Agora é Fernando quem encara firmemente e em silêncio nos olhos dela. Ele agora tinha uma barba como a pintura de seu pai no quadro e seus olhos estavam miúdos. Anna sentiu medo.

- Do que me chamou, Anna?

A pergunta dele saiu entre os dentes cerrados.

- Eu só acho...

- Eu perguntei do que você me chamou?

Vendedora de bijuterias baratas!

Ele elevou o tom e voz, era quase um grito.

Depois deu um tapa na mesa que fez Anna tremer. Anna falou com calma, pretendia acalmar seu marido.

- Escute, Fernando, desculpe se o ofendi, eu não acho você um idiota, só que agora age como um com esta história de guarda costas. Depois não reclame...

Foi mais um tapa. Agora uma bofetada. Bem em seu rosto. Chocada, Anna demorou a reagir, a entender o que tinha acontecido. Ele me deu um tapa no rosto, ela pensou.

- Eu perguntei do que me chamou, querida.

A voz de Fernando agora era estranhamente suave. Anna ficou calada, muda. Decidindo o que fazer. Ela simplesmente se levantou da cama e deu as costas a ele, caminhando em direção a copa. Ele se jogou em cima dela.

- Nunca dê as costas para mim.

Assim que ele agarrou as costas de Anna, o marido voou por cima dela e caiu estatelado de costas no chão. Suas costas estavam

explodindo de dor. Agora era ele quem estava chocado e sem entender o que aconteceu. Ali mesmo no chão ele a ouviu falando, agora era ela quem falava com os dentes cerrados.

- Escute bem seu coronelzinho de merda. Eu te contei, mas parece que você se esqueceu. Meu pai era professor de judô. Eu sou faixa preta. Posso derrubar você com um único golpe, imobilizá-lo no chão e até quebrar um de seus braços. É exatamente o que vou fazer se ousar tentar me agredir novamente, idiota. Ele se levantou furioso, ameaçou partir para cima dela. Ela ficou em guarda, ele se controlou, desistiu e se sentou em sua cama. Ele tinha ódio nos olhos. Agora era ela quem tinha um sorriso cínico.

- O que foi Fernando? Está com medo de mim?

Naquele dia, sozinha, quase escondida, andando pela fazenda, Anna chorou. Um choro dolorido. Não era aquilo que ela queria como casamento. Foi uma semana terrível. Não trocaram uma palavra. Logo depois daquela semana ela se aproximou de Fernando, estava calma, tranquila.

-Fernando, vamos esquecer o que passou. Mas eu quero deixar algo claro. Qualquer violência de sua parte eu não vou reagir mais. Apenas vou até a polícia, faço um boletim de ocorrência e você nunca mais vai me ver. Ele ficou calado. Anna sente medo quando vê o olhar de seu marido para ela: (Às vezes eu

acho que você está ficando louco, Fernando).  
Ela pensa, mas não fala mais nada.

PARTE 5

-  
LAURA

-  
A Cidade de Padre Américo

## Capítulo 1

(Então é isto). Laura pensou. Por isto a cidade fantasma. Em breve uma represa, rio abaixo, irá alagar a região metropolitana toda. Aquilo tornava seus sonhos mais inverossímeis ainda.

- Quantas pessoas ficaram, Ryan?

- Dez no total, agora onze com você. O que pretende fazer, Laura?

Laura suspirou. Ficava tudo cada vez mais confuso. Seus sonhos se materializando enquanto ela chegou à cidade. Agora aquela informação sobre somente poucos residentes. Laura tomou uma decisão. Queria conhecê-los um por um. Avaliar se um deles tinha o perfil e o motivo para um crime, como assassino ou vítima. Tinha que levar em frente seus instintos.

-Tudo o que pretendo fazer agora é tomar um café de verdade, Ryan. O seu estava horrível. Ele deu uma gargalhada.

-Todo mundo gosta do meu café, Laura. Mas se quer realmente tomar um café de verdade, vamos ao bar da Dorinha. Ela serve o café da manhã para, digamos, toda a cidade. Os dez residentes. O almoço é com ela também. Lá você vai poder conhecer todos. Ela serve às sete e meia da manhã.

Ótimo ela pensou, quero analisar um por um.

- Laura, minha sugestão é que você não conte a ninguém sobre seus sonhos. Aqui eles vão achar que você está coma cachola quebrada. (E você também acha, não é Ryan?) Ela pensou.

\*\*\*

Dorinha estava servindo o café quando teve a surpresa. Ryan chegava com uma convidada.

- Pode pegar mais uma cadeira, Dorinha. Nós temos uma convidada.

Todos olharam fixamente e curiosamente para a jovem. (O que será que ela está fazendo nesta cidade condenada?) Ronald, o prefeito gordo da cidade pensou.

Sheila se lembrou dela no cemitério, sim era aquela mulher, ela pensou. Dorinha nada falou, apenas ficou olhando para Laura.

Dorinha tem uma personalidade forte e dominadora. Agora estava curiosa com a nova presença. Riva está com seu filho de dois anos no colo. O menino não prestou atenção na convidada. Monique se apressou, pegou uma cadeira e a colocou ao lado dela. Laura agradeceu. Ryan falou:

- Sempre prestativa, Monique.

- Obrigada, Ryan. Quem é nossa convidada?

Ryan se sentou ao lado de Jardel, o marido de Monique, o único médico da cidade. Ele estava ali pela esposa. Por ele já tinha ido embora assim que soube da construção da

represa, mas sua esposa, Monique, ainda tinha esperanças que o processo de construção fosse anulado por via judicial. Ryan deixou a resposta de Monique para Laura.

- Bom dia Monique. Meu nome é Laura. Eu acho que desci na estação errada.

Monique ficou decepcionada, tinha esperança que ela fosse uma portadora de boas notícias da cidade de São Paulo, sobre sua demanda par transformar o Centro Histórico de Padre Américo em Patrimônio Nacional. Isto impediria a construção da represa.

Dorinha deixou o bule sobre a mesa e sentou-se em sua cadeira. Todos ainda olhavam para Laura.

- Bom dia, meu nome é Dorinha. Que pena que perdeu seu ônibus. Ia para onde?

Laura se lembrou do destino final do ônibus que tomou, era a cidade de São Bento. A maior cidade da região.

- Eu ia para São Carlos tratar de um assunto pessoal.

(Pronto. Resposta certa. Ninguém vai ser mal-educado e perguntar que assunto é este).

Ryan pensou, mas Dorinha era insistente.

- Pelo seu sotaque a gente percebe que você é do Rio. O que uma carioca viria fazer na região mais caipira de São Paulo? Aqui não tem mar.

Dorinha perguntou com um sorriso simpático no rosto.

Laura não se abalou:

- Vim visitar uma tia em São Bento. Este café parece estar uma delícia. No Rio as mesas não são tão fartas pela manhã. Até ovos mexidos vejo nesta mesa. Assim vou acabar sem almoçar, Dorinha.

Jardel, o marido de Monique, se virou para Laura.

- Duvido, Senhora. Aqui temos o melhor feijão tropeiro do país. Até mineiros apareciam aqui para saborear o prato. Mas isto foi antes da notícia da barragem. Agora estamos somente nós aqui, abandonados. Logo o café seguiu normalmente. Cássio, a criança de dois anos sentou no colo de Ryan. Olhou para a cintura dele como se estivesse procurando algo.

- Eu não trouxe a arma, menino. Aqui no bar não tem saqueadores.

O garoto voltou desinteressado para o colo do pai e dividiu com ele um prato de ovos mexidos.

O café terminou. Laura puxou sua carteira:

- Hoje é por minha conta, Laura. Você é nossa convidada. Fique à vontade em nossa cidade. Laura ficou sem saber o que fazer. O prefeito não parecia ser o dono do bar para fazer aquela cortesia. Dorinha não gostou nada daquilo. Ela percebeu que o desajeitado prefeito queria impressionar a moça. Ela se virou para Laura.

- Não se preocupe, querida. Hoje o café da manhã de todos vai ser por conta da prefeitura. Afinal, faz tempo que não temos turistas por aqui.

O prefeito Ronald fez algo como um pigarro.

- Claro! Claro! Passe depois na prefeitura que acertamos tudo, Dorinha. Falou o desajeitado, gordo e careca prefeito.

Sheila se lembrou dela no cemitério perguntando como chegar a Padre Américo. (São Carlos coisa nenhuma, a mulher é uma mentirosa ou louca. Foi por isso que meu amado filho não falou nada sobre você, Senhorita Laura). Ela pensou.

## Capítulo 2

-Então? O que achou do pessoal? Algum perfil de um assassino em vista?

Laura percebeu o “toque” de ironia de Ryan. Os dois andavam pelo Centro Histórico da cidade.

- Eu reparei que Dorinha e Sheila não se falam. Algum problema entre elas, Ryan?

- Você é observadora, Laura. Realmente parece que Dorinha teve um caso rápido com o pai da Sheila. A mãe de Sheila, que sofria de depressão como a filha, cometeu suicídio quando soube da traição.

Laura ficou em silêncio com a informação por alguns segundos.

- Achei estranho quando ela disse que o filho dela não falou nada sobre mim. O que ela quis dizer com aquilo?

- Não dê importância a isto Laura, não existe criança alguma. Ela estava grávida e sofreu um aborto natural. Nunca aceitou o fato completamente. Nós da cidade decidimos ignorar as visões dela sobre seu filho. Não faz mal a ninguém e parece que faz bem a ela. Já Dorinha sempre fez o que lhe dá na cabeça. “Vida só se tem uma”. Ela sempre fala.

- E ainda por cima Sheila herdou a depressão da mãe, pobre coitada, Ryan.

Ryan suspirou, não falou nada. Ela continuou:

- Monique pareceu decepcionada quando eu disse que tinha descido na estação errada.

- Aquela jovem é uma sonhadora, Laura. Ela entrou com uma petição na cidade de São Paulo para transformar o Centro Histórico em Patrimônio Cultural. Isto impediria a construção da represa. Acho que as chances dela são zero.

- Espere um minuto, Ryan.

Laura para e fica concentrada. Ela se lembra de seu primeiro sonho com a cidade:

- Eu sonhei que o Centro Histórico era tombado como Patrimônio Cultural.

Ryan se lembrou de Januário, um velho fazendeiro. Isto sim seria um bom motivo para um crime. O velho fazendeiro está quebrado. A indenização pela desapropriação de sua decadente fazenda, a única que será inundada junto com a cidade pela represa, caiu do céu para ele. Impedir a barragem seria impedir a indenização e deixar o homem, que sempre foi acostumado ao melhor, na miséria. Mas é tudo muito especulativo. Ryan não falou nada. Não queria colocar lenha na fogueira.

- O Prefeito quis te impressionar, Laura.

Laura sorriu. Então ela se lembrou do canalha em sua cama. Ryan percebeu o sorriso amargo dela.

- Se tentou não conseguiu, Ryan.

Os dois continuaram andando ladeira abaixo. A névoa não se dissipou, mas o dia estava

luminoso e a temperatura fria para os padrões de uma carioca.

- Ryan?

- O que, Laura?

- Dorinha, a dominadora que quer viver a vida, Sheila a deprimida, Monique a sonhadora, Ronald o desajeitado prefeito. Riva, um homem admirável e seu filho Cássio de três anos...

-Admirável é pouco para ele, a mãe não assumiu o filho e foi embora. Disse que não dava conta de uma criança. Nunca mais voltou. Ele segura a barra, mas não tem para onde ir quando as sirenes tocarem.

Laura assentiu com a cabeça e continuou sua contagem:

- Jardel, o marido caladão de Monique e você. Você falou em dez residentes que não tinham ainda para onde ir. Eu contei oito.

- Os dois restantes são um fazendeiro, seu Fernando, aquele que era há anos galã de novela, e seu “segurança”. Um verdadeiro capanga. Eles quase não vêm à cidade, e eu me esqueci de mais alguém, o Paulo, um pobre bêbado. Provavelmente não apareceu no café da manhã porque já estava embriagado logo pela manhã. São onze, com você doze.

Algo sobre o fazendeiro tocou Laura:

- No meu sonho havia uma fazenda sombria, ameaçadora, Ryan.

Ryan não queria estender o assunto. Aquilo tudo parecia pura loucura para ele.

- Você já tem ideia de onde vai passar a noite, Laura? O ônibus que vai a São Bento só passa em Padre Américo uma vez por semana por razões óbvias, agora é raro alguém descer por aqui.

Laura ainda não tinha pensado nisso.

- Duvido que tenha um hotel ou algo assim na cidade, Ryan.

- Você pode ficar lá em casa.

Laura ficou muda. Olhou séria para Ryan.

Seria aquilo uma cantada?

- A casa fica ao lado da delegacia. Eu tenho o hábito de dormir no meu local de trabalho. Tem lençóis e toalhas limpas lá. É o mais perto que você vai achar de algo como um hotel aqui nesta cidade.

Laura sorriu para Ryan. (Você é bonito Ryan. Mas nada de caipira por enquanto. Eu ainda estou lambendo as feridas de meu último relacionamento. Além disto, o próximo candidato será devidamente examinado, analisado, dissecado, cada célula estudada por um microscópio antes de eu começar uma nova relação. Chega de erros, ela pensou).

- É mentira, Ryan.

Laura falou para ele sorrindo:

- O que é mentira, Laura?

- Não tem cama na delegacia, eu não quero ser um incômodo para ninguém.

- Claro que tem, Laura. Tem uma cama de pedra na única cela da delegacia. É muito frio lá para uma carioca como você, mas eu já estou acostumado. Às vezes eu passo a noite lá. Ou você prefere passar a noite na cadeia sem direito a um bom sono?

Laura tinha um sorriso sem graça.

- Na cadeia não! Se é assim, eu fico em sua casa mesmo.

Ryan devolveu o sorriso e deu um molho de chaves a ela.

- Não se esqueça de trancar a porta, Laura.

\*\*\*

Foi um resto de dia agradável. Ela passou o resto da manhã caminhando sozinha, conhecendo cada canto da cidade. Na hora do almoço, no bar da Dorinha, Laura comeu com gosto. O feijão tropeiro era uma maravilha mesmo. Ryan estava ao lado dela. Logo depois do almoço, ela foi com Ryan conhecer onde ia passar a noite.

- É isto. Bem simples. Espero que goste.

Era uma casa pequena, estilo colonial como quase toda a cidade. Uma sala de visitas, uma sala de estar, um quarto, uma cozinha e um terraço atrás da casa. A decoração seguia a linha da casa. Um pequeno sofá na minúscula sala de visitas, um quadro com uma imagem campestre. Outro sofá maior na sala de estar com uma televisão que parecia ter saído de

um museu. Na cozinha, uma geladeira, um fogão e uma mesa redonda com uma só cadeira. Aquilo dava um “toque” de solidão ao local.

- Está ótimo, Ryan. Nem sei como agradecer.

- Vamos até o quarto, Laura.

Um armário, uma cama e um quadro. A janela dava para o rio. O som das águas correndo rio abaixo ditava o ambiente agradável. Laura não teve dúvidas. Naquela noite ia dormir como uma criança. Um sono profundo em meio à escuridão caipira e o som hipnotizante das águas correntes, algo que uma cidade como o Rio de Janeiro jamais permitiria. `

-Mais uma vez obrigado, Ryan. Eu fico te devendo essa. Acho que vou ficar à tarde por aqui mesmo. Preciso arrumar minhas malas.

- Vai precisar de tempo. Deve ter um mundo de coisas nesta pequena mochila.

Laura sorriu com a ironia divertida de Ryan.

- Nunca menospreze o que uma moça pode carregar em sua bolsa. Quanto mais em uma mochila.

-Não tenho o hábito de jantar, mas na geladeira tem queijo branco e pão de forma. Sirva-se à vontade. Eu já vou. Se precisar me chame. Se quiser café é só passar na delegacia. Laura sorriu para ele e pensou: (Seu café não quero não, Ryan).

- Melhor, eu vou trazer um bule cheio para você. Acabei de fazer o café.

\*\*\*

Alguém bateu palmas junto à porta onde Laura se hospedava. (O que é agora?) Laura pensou em meio à bagunça de suas coisas jogadas na cama. Ela foi até a porta da frente.

- Quem deseja?

- Sou eu! Riva! Meu filho Cássio está comigo.

Laura pensou se devia abrir a porta ou simplesmente responder a ele de onde estava.

(Mas que idiota. Abra esta porta

imediatamente e mostre que você é uma pessoa educada), Laura. Ela pensou.

Assim que ela abriu a porta o menino deu um sorriso a ela. Ela devolveu o sorriso.

- Boa tarde, Riva. Em que posso ajudar?

- Boa tarde, Senhora. É que eu tenho...

Laura reparou que Riva estava deslocado diante dela. Resolveu deixá-lo à vontade.

- Entre, por favor, Riva.

- Obrigado Senhora.

- Quer um café?

- Não quero incomodar.

- Que bobagem, o café está pronto no bule.

Ryan fez a gentileza de me trazer um bule cheio. Ele mesmo fez o café.

- Ele mesmo fez?

-Isto mesmo, Riva.

- Na verdade já tomei meu café, senhora.

Os dois riram e se sentaram junto a pequena mesa da cozinha, ela ficou olhando para ele.

- Eu tenho uma pergunta. A senhora já esteve aqui antes?

- Não, Riva.

- Não é possível. Eu poderia jurar que já vi a senhora por aí em algum lugar. A senhora tem certeza?

- Nunca vim aqui antes, Riva. É minha primeira vez.

Riva balançou a cabeça como se estivesse confuso.

- Pai! Posso brincar lá fora?

- Não saia da frente da casa, entendeu Cássio?

- Pode deixar.

- Desculpe, senhora Laura. Não queria incomodar com uma pergunta tão esquisita. Acho que a Senhora já sabe, às vezes eu penso que não bato bem da bola.

- Que bobagem, Riva. Na verdade, acho você um homem admirável. Não é fácil cuidar de uma criança sozinho. O que é que tem de louco nisto?

Riva sorriu para ela.

- Pelo jeito a Senhora não ouviu falar ainda de meus sonhos com espantalhos.

Laura ficou alerta:

- Como assim, Riva?

- Nada de importante, eu já vou.

- Não, espere Riva. Tenho algo curioso para contar. Eu também já sonhei com espantalhos...

Laura contou a ele sobre seus sonhos, mas antes fizeram uma espécie de pacto. Aquilo dos sonhos dela ficaria apenas entre os dois por enquanto. Laura observou o homem indo em direção a porta. A noite dormiu como um anjo, até o sonho. No dia seguinte seu verdadeiro pesadelo começaria.

### Capítulo 3

Era de madrugada, Laura não precisava ver o relógio para saber disso. Estava acordada. Olhava para a escuridão do quarto. Sentiu uma súbita sensação sufocante. Tinha que sair um pouco, respirar. Era uma boa ideia. Queria ver o céu estrelado que só o interior pode mostrar. Era uma noite sem lua. Quando Laura percebeu estava fora de casa.

Observava o céu. Não havia nenhuma estrela. Aquilo era bizarro. Nada. Nenhuma estrela. Mas a noite estava estranhamente clara. Não havia neblina. Então ela o viu. Era Riva, o pai, com seu menino Cássio no colo. Vinha em direção a ela. Tinha algo de fantasmagórico na paisagem. Laura sentiu medo. Ele vem se aproximando dela calmamente. O menino olha assustado para ela.

- Canaaalha!

Laura ouviu o grito de Ingrid ao seu marido atrás de si. Ela sente uma presença assombrosa atrás dela como naquele primeiro sonho. Um pânico gelado se apodera dela. Agora Riva com seu filho Cássio estavam ao lado dela. Olhando para ela.

Riva disse a ela:

- Salve-o!

Então Laura acordou de seu sonho. Recom pôs-se. (Os sonhos continuam), ela pensou.

\*\*\*

O dia estava claro. Ela se levantou enrolada em sua colcha e olhou pela janela. O dia começava com uma névoa forte vinda do rio. Eram sete horas. Ela tinha que se apressar para não perder o café. Tomou um banho rápido e se agasalhou. Apressou o passo em direção ao bar da Dorinha. Quando chegou, a surpresa. Não havia ninguém no bar. As mesas estavam vazias.

\*\*\*

A reunião estava tensa na delegacia. Ryan não ia permitir que aquilo saísse do controle.

- Ela mentiu, ela não ia até São Bento. Eu a encontrei no cemitério. Ela me perguntou como chegar até nossa cidade, Ryan.

- Por que não me contou antes, Sheila?

- Por que você é o delegado por aqui. Você é quem tem que investigar quem chega e não eu.

O prefeito pediu a palavra.

- Ryan, não quero duvidar de sua competência, mas foi bem estranho esta moça cair do céu assim, nesta cidade fantasma. E agora isto.

Ryan ficou pensando no que fazer. Era tudo muito sério agora. Resolveu contar a verdade.

- Ela me disse que veio a cidade porque sonhou que tinha que salvar alguém aqui. Basicamente isto.

Todos ficaram em silêncio por alguns segundos. Então Dorinha explodiu em uma gargalhada nervosa.

- Você colocou uma louca entre nós, Ryan!

- Ainda não sabemos o que aconteceu.

Jardel se levantou de sua cadeira abruptamente, olhando para Ryan.

- Não sabe ainda o que aconteceu? Então a mim me parece que temos dois malucos na cidade, você e ela.

Ryan não perdeu a calma.

- Eu vou seguir o procedimento habitual. Vou abrir uma sindicância. Ninguém sai da cidade até tudo ser esclarecido.

Sheila olhou firme nos olhos de Ryan:

- Ela te enfeitiçou, não foi delegado? Para negar o óbvio assim ela te enfeitiçou. Aquela mulher é do demônio, ela surgiu do nada ao meu lado no cemitério. Agora ela fala destes sonhos. O capeta está com ela.

Monique perdeu a calma.

- Cale a boca, Sheila! Ryan tem razão. Ele tem que seguir o procedimento correto. O que querem? Linchá-la?

Um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente até que Dorinha falou:

- Demônio porra nenhuma, ela é mesmo louca.

Monique olhou para Jardel.

- Você é psiquiatra, o que tem a dizer sobre isto?

Jardel olhou para Ryan.

- Exatamente como eram os sonhos dela, Ryan?

- Por que não perguntam para mim?

Todos olharam para trás, era Laura na porta da delegacia. Ela esperou uma resposta, mas todos ficaram calados.

Laura perguntou com calma:

- O que está acontecendo?

Ryan pediu a palavra, todos continuaram calados.

- Hoje pela manhã Dorinha encontrou Cássio andando sozinho pelas ruas da cidade, dando voltas a esmo. Ela o pegou e levou até a casa do pai. Quando ela chegou lá descobriu. Riva está lá, morto.

## Capítulo 4

Laura agora estava sozinha com Ryan. Ela se sentia mal.

- Veja se entende a situação, Laura. Ninguém nesta cidade tinha motivo algum para fazer mal a Riva, ao contrário, todos nós admiramos a coragem do rapaz que bancou sozinho o filho depois que a esposa o abandonou. Então chega uma estranha sem motivo nenhum para estar nesta cidade condenada, a não ser sonhos em que fala sobre mortes na cidade. Isto tudo é muito estranho. Logo depois o rapaz é assassinado com uma faca enquanto dormia...

Laura fica muda, estava pasma. Eles acham que eu matei o rapaz, ela pensa.

- Laura, eu não disse que foi você, na verdade a investigação ainda está começando. Mas, eu não vou negar, diante destas circunstâncias, você é a primeira suspeita. Aconselho-a a procurar um advogado.

- Não vou fazer isto, Ryan. Apenas faça seu trabalho. Eu sou inocente. Passei a noite toda em minha cama. Se for indiciada ou algo assim eu procuro um advogado.

Ryan suspirou, Laura parecia calma.

- Desnecessário dizer que por enquanto você fica na cidade...

- Como eu disse apenas faça seu trabalho. Já começou, ou já chegou à conclusão que sou eu mesma a assassina?

\*\*\*

-Você não vai prendê-la?

-A investigação mal começou. Ela é só uma suspeita. Para indiciá-la eu preciso de provas. Eu não tenho nem testemunhas, nem provas circunstanciais ao menos. Mas já avisei que ela não pode deixar a cidade.

Dorinha riu, era um riso debochado.

-Você então acha que pode ser um de nós o assassino?

Ryan olhou para Dorinha, uma bela mulher, um corpo bem feito, um rosto angelical. Mas tinha algo que não simpatizava com ela. Ele não sabia o que era. Mas algo nela o incomodava.

- A única certeza que tenho é que não fui eu, Dorinha.

- Então pode colocar o pequeno Cássio como suspeito também, Senhor Delegado.

Agora era o delegado que tinha um sorriso tranquilo para a mulher à sua frente.

-Não adianta me pressionar Dorinha. Eu vou fazer o meu trabalho.

- Às vezes acho que aquela vaca da Sheila tem razão. Aquela mulher o enfeitiçou.

- Obrigado por trazer um café até o meu escritório, Dorinha. Eu tenho muito trabalho a fazer. Agora, se me der licença...

- Como foi a avaliação dela com Jardel, ele acha ela louca mesmo?

Ryan suspirou, Dorinha era mesmo uma mulher insistente. Ela não esperou pela resposta, tinha algo nos olhos de Ryan que a assustou. (Foda-se), ela pensou.

Assim que Dorinha saiu, ele pegou com cuidado sua bandeja com pão de forma, queijo, presunto e queijo branco. Além de uma xícara grande de café havia um copo grande com suco de laranja. Ele foi até sua casa e bateu na porta.

- Quem é?

- Sou eu Laura, Ryan. Eu vim trazer seu café da manhã.

Ela abriu a porta. Laura estava enrolada na coberta com que dormiu. Por um segundo Ryan se perguntou se ela estava nua debaixo daquela coberta. Claro que não, ela estava vestida. Aquela coberta era só uma proteção contra o frio.

- Eu te acordei, Laura?

- Não, eu quase não dormi.

Então ela viu a bandeja nas mãos de Ryan. Ficou surpresa.

- Que gentileza, não esperava qualquer café depois do que aconteceu ontem.

Ryan ficou calado, apenas andou até a mesa da copa e deixou a bandeja com o café da

manhã lá. Então ela percebeu. O café tão bem cuidado não era para ela. Era para ele.

- Ryan, você trouxe o seu café para mim?

Laura falou com um sorriso nos olhos e uma expressão de agradecimento em seu rosto.

- Não se preocupe com isto...

- Nada disto! É muito para mim. Vamos dividir o café, Ryan.

- Eu vou pegar o meu café aqui ao lado na delegacia e já volto. Quer que eu traga o Bule Laura?

Laura pigarreou.

- Não precisa, Ryan. Esta xícara é o suficiente para mim. Eu te espero para começarmos o café.

\*\*\*

- E agora? Quem vai ficar com Cássio?

Era cedo. Logo depois do café tardio todos se reuniram no terraço da casa do prefeito que dá para a praça central. Não foi uma reunião pré-agendada. Apenas nasceu naturalmente em vista da gravidade da situação.

- Eu fico com ele. Eu e meu marido tomamos conta dele até resolvermos o que será melhor para a criança.

Sheila suspirou, olhou para Monique.

- Meu filho me disse que isto seria o melhor para o garoto...

(Mais um transtorno mental de Sheila), Jardel pensou. Dorinha olhou para a sempre prestativa Monique:

- Sempre de braços abertos para ajudar os outros, não é Monique? Inclusive aquela louca que matou o pai de Cássio.

- E que outra opção nós temos? Você, Dorinha? Duvido que você queira cuidar de uma criança. E Sheila? Não consegue nem dar um sorriso a si mesma, ou que tal o senhor, Senhor prefeito?

Ronald falou decidido:

- Eu não tenho jeito nem tempo para isto, Monique. Muito serviço.

Dorinha tinha um sorriso sarcástico no rosto.

Olhava para o prefeito:

- Muito que fazer? Nesta cidade? Até parece... Jardel se levantou e disse:

- Então está resolvido. Ele já está lá em casa mesmo.

- E como está o garoto, Jardel? Já falou alguma coisa?

- Não, Ronald. Ele está em estado de choque. Isto é normal. Vai levar algum tempo...

Dorinha continuava com seu sorriso sarcástico no rosto.

- Se não foi a louca, pode ter sido o tal do espantalho que ele sempre via em seus sonhos que o matou.

Foi no fim da reunião que eles viram uma figura cambaleante em meio à névoa. Era

Paulo. Embriagado como sempre. Dorinha não perdeu a oportunidade:

- O que foi Bob Esponja? Acabou a pinga?

Ele consegue falar:

- Eu vi algo ontem à noite.

\*\*\*

Eles acabaram o café. Agora estavam sentados na murada que separava o rio caudaloso da Avenida Celso Portenho.

- Quem são os “saqueadores” que você falou no café da manhã com o menino, Ryan?

- São moleques que vêm à cidade que consideram abandonada atrás de algo de valor para trocar por drogas, por exemplo. Um bando de imprestáveis.

Laura olhou para Ryan:

-Não pode ter sido um deles que matou Riva? Já pensou nesta possibilidade?

- Sim, já pensei. Eu andei por aí ontem à tarde, procurando sinais de marcas de pneus de carro ou de motos nas estradas e trilhas que cercam a cidade. Não achei nada. Foi alguém daqui mesmo.

Laura olhou preocupada para Ryan.

- Você acha que fui eu?

- Como eu disse você é a primeira suspeita.

-Suspeitam de mim, você e a cidade inteira. Você acha que eu corro risco de vida?

- Não. Você está sob minha custódia. Fique tranquila, além disso, eu não acho pessoalmente que você matou o Riva. Não entra na minha cabeça.

Ela sorriu com ternura para ele. Descobriu que se sentia segura ao lado dele.

- E o fazendeiro?

- Ele mora longe. Como eu disse não havia marcas de pneus na estrada no dia do assassinato. Mas ele poderia ter vindo a pé ou a cavalo. Não o descarto. É alguém daqui mesmo. Preciso primeiro descobrir o motivo. Laura se vira para o rio, deita seus braços cruzados na mureta que separa o rio da cidade.

- Tem algo além do rio, Ryan? Digo, do outro lado da margem?

Ryan olha para frente, olha o rio como se estivesse buscando algo do outro lado da margem.

- Tem apenas um prédio abandonado a meio quilômetro, do outro lado da margem. Era um Manicômio para pacientes perigosos. Na verdade, era um hospício, quase uma prisão, algo como uma penitenciária onde loucos perigosos eram internados. Para chegar lá, temos que ir a uma ponte que atravessa o rio a dois quilômetros abaixo. A ponte só existe para levar parentes que eventualmente chegavam à cidade para visitar internos. O prédio foi evacuado assim que a construção da represa foi decidida.

- Que coisa estranha, Ryan.

- O que?

- Não era mais fácil fazer a ponte aqui, em frente ao prédio? Por que essa distância toda? Não faz sentido.

- Faz todo o sentido do mundo, Laura. Os loucos eram perigosos. Assassinos, coisas assim. Um dia um escapou. Podia ter vindo a cidade se a ponte fosse aqui em frente. Um perigo. Ele sumiu. Alguns conseguiram fugir e foram resgatados, outros nunca mais foram vistos.

Laura suspirou.

- Entendo.

Eles ficaram por alguns segundos em silêncio, olhando para o rio, então Ryan pegou seu bloco de anotações e escreveu uma única palavra. "Manicômio".

- A névoa está bem forte hoje.

Laura falou olhando para o nada. Ryan não falou nada. Ela continuou:

- Tem um detalhe macabro que eu me esqueci de falar com o Jardel sobre meus sonhos.

Ryan suspirou. (Lá vem mais doidice), ele pensou. Ela continuou.

- Em uma ou duas noites, não lembro direito, eu sonhei com um espantalho, ele andava como se fosse uma pessoa, com seus braços de pano balançando ao vento.

Ryan ficou alerta, era o sonho estranho que Riva sempre comentava. (Não pode ser, a não

ser que ela tenha conversado com ele sobre o assunto).

- Você não me disse que tinha conversado com Riva antes da morte dele.

- Eu falei com ele um dia antes de sua morte. Ryan suspirou novamente. (Como duas pessoas podem ter o mesmo sonho maluco?) Ele pensou calado. (É claro que ele contou a ela. Só assim para os dois terem o mesmo sonho. Ela está louca).

- Não quero que você conte isto a ninguém na cidade, entendeu Laura?

Laura sorriu para ele. Ele agora pensa que eu sou louca mesmo.

- O senhor é quem manda, senhor Delegado. Eles viram uma sombra caminhando em direção a eles pela névoa densa. Era Dorinha. A moça olhou com um semblante ameaçador para Laura, depois se virou para Ryan.

- É o Bob Esponja, Ryan.

- Já falei que não gosto de apelidos, Dorinha. Dorinha deu de ombros.

- Ele diz que viu algo na noite do crime, mas só quer contar para você.

## Capítulo 5

Estavam todos reunidos na delegacia. O Delegado estava calmo.

-O que você viu ontem à noite, Paulo?

- Vão dizer que eu estava bêbado, mas eu vi. Ryan coçou o pescoço. Começou a achar que aquilo não ia dar em nada.

- Você está bem agora?

- Estou...

- Então apenas conte o que viu.

Dorinha estava impaciente.

-Você viu ela ontem à noite, não viu Bob? Viu Laura entrando na casa de Riva.

Ryan olhou para Dorinha.

- Não coloque palavras na boca dele, Dorinha.

Bob esponja continuou...

- Ontem, por volta das três horas da manhã começou a ventar. A névoa começou a dissipar. Eu estava deitado na praça, meio bêbado...

O clima na delegacia fica tenso, Bob Esponja falava arrastado, Dorinha quase gritou com Bob Esponja, mas se lembrou das palavras do delegado. Ela segurou a língua.

- Então, com as brumas desaparecendo eu vi.

Ele parou por um minuto. Olhou para todos.

- Eu o vi. O espantalho com que Riva sonhava caminhando pela cidade, com seus braços balançando ao vento recém-chegado,

carregando o corpo de Riva até sua casa. Foi o que eu vi.

Ryan coçou o pescoço novamente. Todos ficaram em silêncio até que Dorinha soltou uma gargalhada nervosa.

- Bob esponja viu o espantalho!

Dorinha repetiu desdenhosa e em voz alta.

- Bob esponja viu o espantalho! Então delegado? Qual providência você vai tomar? Temos que prender logo este espantalho.

-E... Eu acho que vi algo mais, não sei...

- Porra! Fala logo Bob Esponja.

- Não me lembro.

Sheila estava vestindo um véu escuro, parecia cada vez mais depressiva quando falou:

- Talvez ele tenha visto o demônio.

Dorinha estava inconformada. Ela chegou a acreditar que ele tinha visto o óbvio. Laura entrando na casa de Riva para matá-lo. Ryan olhou desanimado para sua “testemunha”.

- Mais alguma coisa? Viu algo mais?

Ryan perguntou.

- Não sei, acho que vi uma silhueta. A sombra de uma criança acompanhando o espantalho.

Como se fossem amigos...

Dorinha tinha um sorriso sarcástico:

- Pergunte a ele delegado, se ele viu os outros cúmplices. A mula sem cabeça e o Saci Pererê.

- Foi só o que eu vi. Acreditem se quiser.

Monique pede licença ao delegado para falar com Bob Esponja. O delegado concede.

- Pense bem, Paulo. Você disse que os braços dele balançavam contra o vento. Então como ele carregava o corpo de Riva?

- Não sei.

Dorinha deu mais uma gargalhada nervosa:

- Foi levitação. O espantalho além de andar por aí matando gente, é mágico.

Ronald levantou desanimado de sua cadeira.

- Tenho trabalho a fazer na prefeitura, eu já vou.

Todos repetiram o gesto do prefeito. Antes de sair, Dorinha se virou para Bob Esponja:

- Você já era, Bob. O álcool liquefez seu cérebro. Da próxima vez que se encontrar com o espantalho, ofereça uma pinga a ele. Quem sabe os dois não ficam amigos e caem na boemia juntos.

- Olha, dona. Se eu vejo aquilo de novo, eu vou é sair correndo.

(Sinceramente, às vezes acho que estamos todos em um hospício). Ryan pensou enquanto olhava para Bob Esponja.

## Capítulo 6

Ryan estava sozinho na delegacia. Olhava para a anotação em seu pequeno bloco à sua frente. “Manicômio”. É algo que eu tenho que investigar, é meu trabalho. Ele pensou.

Quando se deu conta, Jardel estava em pé, junto à porta de sua sala.

- Bom dia, Jardel. Sente-se.

Ryan levantou seu bule de café para encher a xícara em frente a Jardel. O marido de Monique pigarreou.

- Não precisa. Já tomei o meu café, obrigado Ryan.

- Como quiser. Eu tenho que te pedir um favor, Jardel. Preciso que você vá até a casa psiquiátrica, o velho manicômio.

Jardel ficou surpreso com o pedido de Ryan.

(Fazer o que lá?) Ele pensou. Ryan reparou no desconforto de Jardel.

- Eu sei que você não tem boas lembranças do período em que trabalhou lá. Aquilo era realmente um lugar sinistro. Só loucos perigosos. Quando algum escapava era um pandemônio, lembra?

- Como esquecer? Mas exatamente o que quer que eu faça lá, Ryan?

- Preciso que você dê uma olhada nas fichas dos “pacientes”.

Jardel suspirou. As fichas estavam no porão da edificação abandonada. Um arquivo morto.

- O que quer que eu procure Ryan?

O Delegado se encurvou para o psiquiatra como se fosse contar um segredo.

- A ficha de Laura...

Agora Jardel quase caiu para trás. Custou a entender. Então finalmente ele somou que dois mais dois são quatro. Era isto. O Delegado acreditava na hipótese de que Laura fosse um “paciente” desgarrado do manicômio. Isto explicava tudo. As lembranças da cidade que nunca conheceu, na verdade eram lembranças de uma fugitiva louca do manicômio próximo a cidade de Padre Américo. Além disso, os “hospedes” da instituição eram criminosos que matavam por pura loucura. Agora Riva estava morto e aquilo não tinha lógica nenhuma.

- Acho que entendi seu ponto de vista, Ryan. Seu raciocínio não está errado. Aliás, por enquanto, descobrir que Laura era uma “paciente” do hospício aqui em Padre Américo é a única suspeita que se encaixa em tudo o que está acontecendo, inclusive a morte sem sentido de Riva. Toda o seu suposto passado no Rio pode ser uma alucinação.

- A não ser que haja um motivo para a morte de Riva que não descobri ainda, Jardel. Vamos saber a verdade quando você olhar

aquelas fichas. Se você achar a ficha dela lá, noventa por cento do caso está resolvido. Se não achar, voltamos à estaca zero. Quer que eu vá com você, Jardel?

Jardel se lembrou daqueles dois anos, o período mais estressante de sua vida profissional. A tensão era constante. Eram cerca de oitocentos “pacientes” confinados como fogos de artifício em meio a um incêndio. Era uma questão de tempo para tudo explodir. Jardel até sentiu alívio quando foi informado que, com a construção da represa, o manicômio seria transferido para outra cidade. Mas, se do ponto de vista profissional aquele período foi terrível, do ponto de vista pessoal foi o oposto. Ele conheceu Monique, a mulher da vida dele. Ele ficou com ela na cidade, assistindo e acompanhando a luta da esposa contra a construção da represa. Jardel suspirou. Lembrou-se de alguns dos “pacientes” que mais o assustava. Tinha Ravel, uma prostituta de segunda classe que matava seus clientes quando recebia o pagamento por seus serviços e havia lambem Amadeu, que se dizia o próprio capeta. (Agora eu vou voltar para o inferno e não me sinto nada bem, mesmo que o diabo e seus anjos já tenham ido embora há muito tempo), Jardel pensou e se virou para o delegado.

- Ir comigo? Por que Delegado? Acha que sou alguma criança com medo que precisa andar de mãos dadas com o xerife da cidade?

Ryan sorriu para Jardel.

- Parece que eu estava errado, Jardel. Por um momento eu pensei que você estava se borrando de medo.

- Pois fique sabendo que eu vou para lá agora mesmo, assim que sair desta delegacia. Além disso, pretendo sair de lá muito antes da noite chegar. Uma noite lá e o enfarto é certo.

## Capítulo 07

A manhã estava com sua névoa habitual, o céu estava coberto, nublado. Jardel estava de frente para a porta de grade cercada pelo alto muro de cimento que isolava o manicômio do resto do mundo. Ela estava semiaberta. Entrou sem dificuldade e caminhou sobre a trilha que levava ao manicômio. Quando olhou para o cenário desolado pelo abandono ele lembrou-se do belo jardim que outrora tomava conta daquela paisagem. Havia uma fonte. Ele a viu, a fonte continuava lá, com a sua parte de baixo, um círculo de pedra esculpido com desenhos de anjos brincando como crianças com a suposta água que jorrava da parte de cima da fonte. A parte superior da fonte em forma de prato sustentava a estátua de uma jovem com um ar celestial segurando um jarro de onde devia sair o jato d'água. A mulher de pedra não estava coberta pela névoa. Jardel reparou que a fonte estava morta. A água não jorra mais. (Do pó vieste, ao pó voltará), Jardel pensou. Continuou andando. Logo estava diante da edificação do manicômio. Um portão de aço que devia ter o comprimento de uma porta de garagem. Jardel abriu a porta com dificuldade e pensou que certas coisas não mudam quando ouviu o pesado ranger da porta. Assim que ele entrou sentiu a solidão do lugar. Jardel se sentiu

sozinho como nunca. As janelas, por uma questão de segurança, eram de aço como a porta e habitualmente ficavam fechadas como agora. O ambiente estava escuro e a poeira dançava no ar acompanhado por pequenos feixes da luz do dia que invadiam a edificação pelas frestas das janelas e da porta que ele acabara de abrir. O ar estava silencioso e escuro. Ele sentiu que cometeu um erro quando não trouxe uma lanterna, sentia suas mãos nuas. Aos poucos, sua visão foi se acostumando à escuridão e ele já enxergava o suficiente para seguir em frente. (Eu tenho que acabar logo com isso), Jardel pensou. Por um momento ele parou. Olhou para as paredes brancas que mais lembravam um hospital do que penitenciária psiquiátrica. Estavam sujas, encardidas pelo tempo. Do lado dele dois corredores. Um à direita para as celas dos homens, e outro à esquerda para as celas das mulheres. Nada mais, a não ser aquelas abominações no fundo de cada corredor. Uma solitária para punir desgarrados. Ele se lembrou dos olhos vazios de seus pacientes atrás das grades daquelas solitárias quando chegou ao manicômio. (Que idiotice, uma solitária para pessoas que já vivem para sempre trancadas e isoladas em sua mente), ele pensou. Agora olha para frente. Uma recepção e uma porta enorme de madeira. Estava aberta. Ele viu a escuridão atrás dela. É ali, ele pensou na escada que

levaria ao porão onde estava o arquivo morto. Foi em frente. Passou pela recepção e atravessou a porta de madeira em direção ao pequeno e escuro corredor. Olhou para uma das portas laterais fechadas. Era seu antigo escritório. Ansioso, por um momento ele ouviu em sua mente os gritos insanos de seus pacientes. Chegou ao fim do corredor, a escada estava lá. Levava a uma escuridão ainda maior. Quase não podia ver nada. Ele inspirou o ar poeirento e mais uma vez e lamentou novamente não ter uma lanterna. Jardel se lembrou de algo. Havia uma caixa de velas para uma emergência junto ao arquivo morto. Aquilo era bom. Desceu degrau por degrau, tateando as paredes. Ele chegou ao porão. O arquivo morto ficava em um pequeno cômodo junto à escada. Além do cômodo, o corredor do porão tinha mais três portas laterais e terminava na grande cozinha. Jardel se apressou e entrou no cômodo. As tábuas de madeira no chão rangeram. Jardel reparou que apesar do frio, estava suando. Ele foi até a estante onde deveria estar a caixa de velas e a tateou em sua busca. Nada. Jardel enfia sua mão até o fim da prateleira escuridão adentro. Lembrou-se dos gritos desesperados da cozinheira no dia em que ela achou uma pequena cobra dentro de um cômodo lateral que servia de depósito para mantimentos. (O que será que pode ter por trás desta escuridão nesta prateleira?) Ele

pensou. Então sentiu algo entre seus dedos. Ele percebeu. Era um toco de vela. O último pedaço. Ele sentiu alívio. Aquilo devia ser o suficiente. Com a preciosidade na mão ele retirou a caixa de fósforos de seu bolso e acendeu a vela. A pequena chama criou um círculo curto levemente iluminado como uma noite com lua cheia. Jardel a colocou cuidadosamente em um pires em cima da caixa de madeira, quase um baú aberto, que servia de arquivo morto. Não foi difícil achar as fichas dos pacientes dentro da caixa empoeirada. Elas estavam dentro de um saco plástico amarradas em ordem de entrada dos internos. Pensou se ele devia levar as fichas para casa. Sentiu-se mal com a ideia. Aquilo pertencia ao passado. Estavam exatamente onde deveriam estar. Jardel abriu o saco plástico e retirou as fichas e desamarrou as mesmas. (Vamos ver se alguma Laura passou por aqui antes de minha chegada), ele pensou. Então Jardel ouviu algo. Seu sangue gelou. Era um gemido. Quase um lamento. O som vinha da escuridão corredor adentro. Depois de alguns segundos, imóvel, olhando para a grande escuridão, ele resolveu levar as fichas para a sua casa. (Foda-se o passado). Não fico aqui nem mais um minuto, ele pensou. Então o som voltou mais forte, parecia um choro, o choro de um bebê ou de um menino bem novo, que ficava cada vez mais intenso, contínuo, profundo e desesperado. Jardel

ficou ali parado. Parecia não acreditar no que estava acontecendo. Ele se lembrou de sua ex-paciente, prostituta e assassina, em um de seus raros momentos de lucidez dizendo a ele que ouvia seu bebê chorando a noite pelos corredores do manicômio desde que o abandonou. **Lembrou-se do filho imaginário de Sheila.** O medo quase engoliu Jardel.

- Tenha calma Jardel. Você é psiquiatra. Sabe que a mente às vezes prega peças. Vá até lá e encare seu medo.

Jardel falou sozinho, para si mesmo. Ele se decidiu. Pegou o pires com a vela e foi cuidadosamente em direção a grande escuridão. Ele percebeu que o som do choro da criança vinha de uma das portas laterais fechadas do corredor a sua frente. De frente para a porta, ele tomou coragem. A abriu. Bruscamente o som parou. Ele viu algo como uma pequena sombra se mexendo e sumindo rapidamente. Depois de alguns segundos encarando estático o ambiente ele pensou: (Coragem! Vamos até o fim, cara).

- Tem alguém aí?

Ele falou olhando para o interior do cômodo quase vazio.

Apenas um silêncio assustador. Jardel respira fundo. (Vamos cara, raciocina. Impossível um bebê aqui neste prédio abandonado, mas então o que foi isto?) Ele pensou. Estava suando frio, tremendo pelo medo. O silêncio continuava, não havia nada. (Vou embora),

ele pensou. Apressado, quase correu pelas escadas com as fichas na mão. Já no primeiro andar ele viu. Era a sombra de uma pessoa no fim do corredor que dava para a recepção. Estava lá parada, parecia estar olhando para ele. Parecia estar esperando por ele. A “sombra” tinha as roupas de um maltrapilho. Então Jardel se lembrou do espantalho dos sonhos de Riva.

## Capítulo 8

Laura demorou a dormir, era óbvio que a cidade ficava cada vez mais hostil a ela. Sentia-se perdida e sozinha naquele fim de mundo. Olhou para o relógio. Era meia noite. Sentou-se em sua cama e pegou seu smartphone. Pensou em mandar uma mensagem para Nina, mas o aparelho não funcionava. Não havia sinal de internet. Pensou em telefonar, mas seu plano de telefonia não tinha créditos para chamadas a longa distância.

- Amanhã eu ligo do telefone fixo da delegacia. Assim, aqui todos vão saber que tem alguém me esperando lá fora. Vão pensar nisto se resolverem fazer qualquer bobagem comigo.

Ela falou sozinha. Balançou a cabeça, precisava respirar. Naquela hora da noite certamente não havia ninguém na cidade. Todos estavam dormindo. Ela se agasalhou e foi até a sala. Acendeu a luz e saiu porta a fora. Logo estava em frente ao rio. A noite estava calma e fria, sem brisa. Muda. A névoa cobria o rio em silêncio. Então ela viu algo na outra margem. Concentrou-se na imagem embaçada pela névoa. Uma brisa arrepiante cobriu seu rosto nu e desprotegido. O leve vento foi dissipando a neblina. Agora a noite estava estranhamente clara, sem nuvens e era

possível ver melhor o que tinha do outro lado da margem. Era uma mulher, ela carregava algo. Era uma criança. Laura foi sentindo o medo crescer dentro dela, aquilo era uma imagem fantasmagórica e não era um sonho, ela tinha certeza disto. Ela percebeu. Tinha alguém atrás dos dois na outra margem do rio. Algo ameaçador. Ela viu, eram apenas dois pares de olhos flutuando pela noite atrás deles. Laura fica paralisada. Em choque.

- Salve minha criança!

Era a mulher do outro lado da margem, falando na mente de Laura. Agora ela sabia quem estava do outro lado da margem. Era Sheila. O menino no colo dela no outro lado da margem era Cássio, o filho do falecido Riva. O menino de três anos olhava fixamente para o par de olhos flutuando à sua frente. Laura desmaiou. Quando se recuperou, a noite estranhamente clara tinha sumido. A névoa de sempre cobria o rio. Ansiosa e preocupada, ela olhou para a outra margem do rio. Não havia nada. Agora ela olha para seu relógio. Eram quatro horas da manhã. Ela passou quase a noite toda desacordada na calçada à margem do rio. Levantou-se com o corpo doendo. Começou a andar lentamente até a casa em que dormia em meio à escuridão. Assim que ela entrou na sala desligou a luz e no quarto caiu na cama. Antes de cair no sono ela falou para si mesma:

- Eu simplesmente desmaiei. Em frente ao rio.

\*\*\*

Sheila dormia em sua solidão, coberta pela escuridão da madrugada quando ouviu a porta de seu quarto abrir lentamente. Ela sabia. Era ele em busca dela. Ela ouve os passos da criança até que a criança para ao lado da cama dela. Sheila abre seus olhos e vê a criança de três anos de sua imaginação parada, muda, com olhos mortos fixos nela.

- Vamos, mãe. A vovó quer falar com a gente. Sheila se levanta de sua cama, quer dar a mão ao menino, mas ele se afasta dela e caminha em direção a porta do quarto, depois para e fica olhando para ela.

- Então vamos, filho.

A névoa era densa, a noite fechada. Ela o segue até o Centro Histórico da cidade fantasma. Então ele começou a subir a escadaria que levaria ao mirante. Uma imensa escada, quase uma escalada. Sheila vai atrás dele, seguindo a silhueta do menino, degrau por degrau em meio à névoa. Quando ela chega ao mirante. o menino imaginário estava lá, esperando por ela. Então ele corre e desaparece coberto pela neblina. Ela sabe onde ele foi.

- Eu te encontro lá, filho. Sua vovó quer falar com a gente.

\*\*\*

- Tem alguém lá fora. Eu acho que é uma mulher. Mas a esta hora da madrugada?

\*\*\*

Era cedo quando o delegado tocou a campainha da casa onde Laura dormia. Ela acordou com dificuldade e foi até a porta.

- Bom dia Laura.

Ela reparou que o delegado não estava com a cara nada boa. Ela ficou em silêncio.

- É Cássio. Ele desapareceu. Onde está ele?

## Capítulo 09

Laura estava algemada. Ainda tentava colocar seus pensamentos em ordem, olhava indignada e com medo para Ryan.

- Eu não sou criminosa.

- Criminosa eu não diria, mas louca é outra história.

- Me considera uma assassina só pelos meus sonhos? Considera isto motivo suficiente?

- Onde esteve ontem à noite?

- Dormindo.

- Não, você não dormiu. A delegacia fica ao lado da minha casa. Eu vi a luz de minha casa acender a meia noite, e desligar por volta de quatro horas. O que fez neste período?

Agora Laura sente medo de verdade. Achou melhor omitir a visão. Agora seria dada como louca perigosa de verdade se contasse a visão sobre Cássio no rio enquanto o menino desaparecia. Um súbito arrepio percorreu seu corpo, o menino estava realmente em perigo?

- Eu fui até a margem do rio, cochilei, quando acordei eram quatro horas da manhã.

- Teve algum daqueles sonhos com o menino?

Laura quase vacilou, mas disse não. O delegado se levanta e senta-se na mesa junto a ela.

- Primeiro você chega aqui, neste lugar esquecido por Deus, onde menos de uma dúzia de pessoas vivem em paz esperando o

dia de suas partidas da cidade. Nenhuma delas tem motivo para qualquer crime sério, muito menos assassinato.

Laura se sentiu pressionada como nunca em sua vida.

- Eu não menti, vim pelos sonhos.

- Sonhos que te avisam sobre uma morte na cidade. O que você é? Uma espécie de médium ou adivinho, ou uma louca mesmo?

- Eu não menti, vim pelos sonhos, isto não me torna nenhuma criminosa.

- Criminosa eu não digo. Mas é louca? Você não tem álibi para mostrar onde esteve ontem à noite. Em casa é que você não estava. Onde está o menino, Laura?

- Eu não sei. Posso dar aquele telefonema agora?

- Você vai dar o seu telefonema, mas estamos em estado de emergência agora.

Onde está o menino Laura?

- Eu não sei! Insisto em meu telefonema.

Ryan aproximou seu rosto ao rosto dela com uma expressão ameaçadora.

- Todo mundo está por aí desde o fim da noite procurando Cássio. Se não acharem o menino, eles vêm atrás de você, Laura. E se você não me ajudar, eu, sinceramente, não vou fazer nada para protegê-la. Onde está o menino? Laura não falou nada. Apenas desviou-se do rosto dele. Tinha lágrimas nos olhos.

Ele foi até as costas dela e delicadamente a levantou de sua cadeira.

- Eu vou me juntar aos outros e procurar o menino. Tem certeza que não quer falar nada? Ela ficou calada. Ele a levou em direção a cadeia e trancou a porta. Laura agora estava atrás das grades.

- Agora eu quero meu telefonema, Ryan.

Ryan olhou para Laura.

- Eu vou tirar você da prisão por alguns minutos. Vou ligar para o número que desejar e você fala na minha frente.

Ele abriu a porta da prisão. Ela se sentou na frente dele. Passou a ele o número de sua sobrinha, Nina. Ela saberia o que fazer.

- É minha sobrinha, ela vai procurar um advogado.

- Ele ligou. Depois de alguns segundos, ele desligou o telefone.

- Este número não existe, Laura.

Laura não acreditou.

- Disque você mesma.

Ela ligou. Então ficou abismada. O número não existia.

(Ela está louca), Ryan pensou.

- Agora chega. De volta à prisão, Laura.

Antes de sair, Ryan colocou a chave da cadeia em cima da mesa, visível para qualquer um que entrasse na delegacia. Ela entendeu o recado. Se ele não estivesse na delegacia ela teria que enfrentar os habitantes da cidade furiosos, dispostos a tudo para achar o menino.

\*\*\*

Dorinha vai até a dispensa do bar. Ela não ia pegar qualquer mantimento. Apenas vai em direção ao cômodo guiada por lembranças de seu pai. O velho roceiro era corajoso e violento. Às vezes ele exagerava, como aquela noite em que esperou pacientemente o pobre ladrão de galinha e acertou um tiro com sua espingarda de caça de dois canos bem no joelho do infeliz. Ela se lembrou das palavras de seu pai:

- Hoje é apenas uma galinha, amanhã quem sabe? Pois agora pelo menos eu sei, o filho da puta vai ficar manco o resto da vida e nunca mais vai aparecer por aqui.

Na época, toda a família condenou a violência de Ricardo, ou simplesmente Dinho, como era conhecido o pai de Dorinha, contra o rapaz que apenas queria uma galinha para comer. Agora ela entende, seu pai tinha razão. (Às vezes temos que usar de violência, por mais absurdo que isto pareça para as outras pessoas), Dorinha pensa enquanto caminha até a dispensa. Assim que chega ela destranca a porta e fica atenta. Dirige-se para trás do armário onde os cereais eram estocados. A arma de caça de dois canos de seu pai estava lá. Dorinha sabia onde conseguir as balas. Ela se lembrou de sua conversa com Ryan pela manhã bem cedo, quase de madrugada, antes da prisão de Laura:

“ Se eu sair sozinho, você entra na delegacia, Dorinha. Apenas aponte a arma para Laura e dê um susto nela. Vamos esperar que assim, ela fale algo de útil. Se não falar nada nós voltamos à estaca zero. O menino esteja onde estiver, pode estar precisando de socorro médico ou algo assim. Estamos correndo contra o relógio. Cássio pode até estar morto como Riva “.

(É para ser só um susto. Mas quem disse que vou obedecer? Nada disso! Primeiro um tiro no joelho dela. Depois, louca ou não, ela vai contar tudo sobre Cássio), Dorinha pensou. Vinte minutos depois ela estava em frente à delegacia, esperando Ryan sair de lá sozinho. Esperando para ficar a sós com Laura.

\*\*\*

Ryan se preparava para sair quando Laura decidiu, resolveu arriscar tudo:

- Espere, Ryan. Eu sei onde o menino está.

O delegado olhou para:

- Onde ele está Laura?

Laura se lembrou de seu sonho, a fazenda soturna, tinha que seguir seus instintos.

- É uma fazenda sinistra, não sei como cheguei lá, mas posso descrevê-la.

O delegado continua olhando para ela.

- Na verdade o menino está numa cabana atrás da sede da fazenda. A casa é enorme.

Dois andares mais um sótão com três janelas em forma de “v” invertidos.

Ryan entendeu onde era, era a sede da fazenda do ex-ator de novelas Fernando. Ele deu as costas a ela, pegou seu telefone e ligou para o fazendeiro. Mais alguns segundos e ele se voltou para Laura. Ele não viu nada lá, nem você e muito menos o menino. Quanto à cabana atrás da sede que você falou, ela não existe. Não tem como o menino estar lá.

- Você não diz que eu sou louca? Então vamos até lá. Agora eu mesmo preciso descobrir o que está acontecendo. Eu sinto que tem uma criança aterrorizada atrás daquela fazenda.

Ryan coçou o pescoço olhando para ela. Não tem barraco nenhum, mas ela é louca, o menino pode estar lá, em outro canto.

- Ele está vivo?

Ela começa a chorar antes de responder.

- Não sei.

- Então como sabe que ele está aterrorizado?

- Eu não sei. Salve-o, Ryan!

O delegado foi até a cadeia, a soltou e a puxou pelos braços. Ela continuou algemada.

- Vamos até lá então, Laura.

Do lado de fora da delegacia, Dorinha tinha a arma em suas mãos. Ela lamentou quando viu Laura entrando no carro do delegado. Não ia ficar sozinha com ela. Acho melhor segui-los, ela pensou.

\*\*\*

Era como em seu pesadelo. O carro avançava pela estrada de barro que era exatamente como ela tinha sonhado. Apenas a noite não estava estranhamente clara como em seu sonho. Era de manhã bem cedo. Havia neblina pesada. O smartphone do delegado tocou. Ele viu na tela que era Jardel ligando para ele.

- Eu vou estacionar o carro por alguns minutos para atender ao telefone, Laura. Não faça nenhuma bobagem.

(Claro que não idiota, por acaso acha que vou sair correndo por este mato com as mãos algemadas?), Laura pensou, mas não falou nada.

O carro parou no acostamento e Ryan saiu do veículo, não queria que Laura ouvisse a conversa entre ele e Jardel. Ryan atendeu a ligação.

- Então Jardel? Alguma novidade?

-Eu acabei de ver as fichas. Nada! O nome dela não está entre os detentos, mas isto não quer dizer muito. Muitas fichas se perderam. O delegado coçou novamente o pescoço.

Olhou para dentro do carro. (O que está acontecendo, Laura?), Ele pensou.

- Jardel, eu liguei para São Bento, liguei para o manicômio para onde os detentos foram transferidos. Uma Laura escapou de lá.

- Qualquer mulher pode se chamar Laura, Jardel.

Durante o silêncio de alguns segundos entre os dois Jardel entendeu. O delegado estava de volta à estaca zero. Ryan olhou para seu relógio, eram quase sete horas da manhã.

- Você passou a noite lá no manicômio, Jardel?

- Você está louco? Eu trouxe as fichas para casa. Acabei de analisá-las. Há algo. Algo que achei naquelas fichas.

O delegado fica calado, à espera. Jardel continua.

- Era uma ficha de Sheila.

O delegado foi pego de surpresa:

- Meu Deus, Jardel. Será que foi ela quem raptou o filho de Riva imaginando que era o filho dela?

- Não foi ela, Ryan.

- Por que diz isto?

- Nesta madrugada Monique me acordou. Ela viu alguém andando de madrugada pela cidade, uma mulher. Eu fui atrás dela. A segui. Era Sheila. Ela foi para bem longe da cidade, até o cemitério. Eu me aproximei dela. Ela disse que estava ali com o filho junto a sua mãe enterrada. Ela me disse que o filho queria ver a avó. Quando votei, Monique estava desesperada com o sumiço de Cássio. Ryan suspirou. O álibi perfeito. Sheila estava longe, no cemitério quando Cássio sumiu. Estaca zero novamente.

- A ficha dela era avulsa, provisória. Quando ela começou a imaginar o filho, o psiquiatra que me antecedeu deu uma olhada no caso

dela a pedido da prefeitura. Só isto. Ela não era uma interna. Não era perigosa.

- Aquela moça precisa de ajuda, Jardel.

- Sei. Mas a prioridade agora é outra. Eu vou me juntar ao resto da cidade e procurar o menino. Alguma pista sobre ele, Ryan?

- Não sei, amigo. Vamos ver. Obrigado pela mão.

- Eu deixei as fichas lá na mesa de sua delegacia. Faça-me um favor, leve estas fichas de volta ao manicômio. Alguém pode precisar delas um dia.

Ryan percebeu a apreensão na voz de Jardel. Algum imprevisto lá no hospício, Jardel? Jardel ficou em silêncio.

-O que foi Jardel? Aconteceu algo lá?

- Por um momento eu achei que tinha visto o espantalho do Riva perdido dentro daquele hospício.

Ryan fica em silêncio.

- Era só um mendigo, um andarilho maltrapilho que eventualmente usa o prédio como abrigo.

Ryan segurou o riso. Mas um sorriso largo preencheu seu rosto

-Não tem nada lá, Jardel. Eu levo as fichas.

- E não foi só isto, Ryan.

- O que tem mais?

- Eu ouvi uma criança, um bebê chorando.

Mas uma vez Ryan fica calado.

-A porra do mendigo explicou que aquilo era obra de uma turma de vadios.

- Como assim, Jardel?

- Gatos, ou melhor, uma gata. Uma gata no cio, segundo o mendigo. Elas podem chorar como um bebê em seu desespero se não tiverem companhia. Eu me deixei levar pelas lembranças do hospício. Foi só isto.

Ryan ficou mudo, agora pensa em Laura a última suspeita.

-Ryan, eu sei que ela tem que ser a maior suspeita. Mas não considere ela simplesmente uma louca perigosa sem uma investigação completa. Pode ser mais do que isto. A mente prega peças.

- Obrigado Jardel. Como disse eu levo as fichas ao hospício.

Assim que desligou seu celular, ele e Laura seguiram a viagem em silêncio. Ryan estacionou seu carro. A frente havia apenas uma trilha de barro seco em meio à vegetação morta. Ela andou pela trilha que levava a sede da fazenda com um pânico crescente. Então ela viu a mansão. A sede era sinistra exatamente como em seus sonhos. Eles chegaram à porta da sede. Aquele senhor dono da fazenda já foi um ator famoso, depois virou fazendeiro. Ryan se lembrou do que leu no boletim de ocorrência de muitos anos atrás quando assumiu a delegacia. Depois da surra que ele deu em sua bela esposa Anna, uma modelo famosa, ela deu queixa na delegacia e foi embora para sempre.

Ryan pensou.

- Já tem ideia de onde a criança está?

Laura apenas apontou para a porta.

- Ele sabe.

Ryan suspirou. (Seria isso tudo é uma perda de tempo), ele pensou. Bateu palmas avisando que o velho fazendeiro tinha visitas. Logo a porta se abriu, era o segurança. Agora Laura ficou subitamente gelada. Sentiu um ódio profundo e inexplicável. O velho segurança olhou para os dois.

- Bom dia, Vasco. Nós viemos falar com o Senhor Fernando.

O capanga abriu a porta, era a porta da copa. Vasco reparou que a moça estava algemada.

- Fiquem à vontade, eu vou chamá-lo.

Laura entrou, agora não é um sonho, o medo é real, ela pensou. Então ela viu o quadro, o homem em pé, era ele sem dúvida, o fazendeiro. Ao lado dele uma mulher que devia ser sua esposa. Ao observar melhor a mulher, um turbilhão de pensamentos tomou conta de Laura. Pensamentos tão doloridos que a colocaram de joelhos. As recordações vindas à tona em sua mente como um parto dolorido e indesejado.

PARTE 7

-

-

LAURA È ANNA

## Capítulo 1

*Cidade de Padre Américo. Décadas atrás.*

- Laura! Venha até aqui!

A Laura, com três anos, se alegrou. Ela amava o pai acima de tudo. Era noite, quase dez horas. A menina estava assustada com as notícias. Ouviu notícias muito ruins sobre a cidade. Uma inundação terrível. Mas agora o pai a chama. (Está tudo bem), ela pensou. (Papai vai me levar para andar no cavalo com ele a noite. Com ele o bicho papão não vai me pegar). Era uma noite escura, o céu estava coberto. Quando chegou a cabana de trás da fazenda de onde partiu o grito do pai chamando por ela, Laura ficou paralisada, sem acreditar no que via. Não conseguia entender nada. Sua mãe estava amarrada, jogada no chão da cabana, toda machucada. Laura viu o labrador, ele estava decapitado, o sangue da criança gelou. O cheiro metálico do sangue infestava a cabana. A menina olha para o pai e quer correr para ele. Abraçá-lo. Laura estava tomada por um terror único.

- Pai...

Laura corre em direção a ele, então ela recebe uma bofetada que a joga no chão. Em estado de choque, ela ouviu a mãe amarrada gritar para o fazendeiro:

- Canaaalha!!!

O fazendeiro dá um chute na mulher jogada no chão e se vira para a criança:

- Nunca mais me chame de pai.

Atônita, Laura viu que o pai tinha ódio nos olhos. Fernando se vira para Anna, jogada no chão com a boca sangrando.

- Você me enganou direitinho, cadela! Mas bastou uma noite contigo em São Paulo para eu descobrir a verdade, Anna. Um homem a reconheceu. Eu recebi um bilhete naquele jantar. Ele falou que te conheceu em uma casa de massagem. Uma puta. Você não quis dar para ele além de uma hora.

Louco, Fernando dá uma gargalhada insana.

-Você não quis dar para ele e eu achava que você era babá.

Assistindo a cena, Vasco não dá uma palavra.

Fernando continua:

- Eu verifiquei a história dele naquele bilhete.

Recepcionista de casa de massagem. Era verdade, eu casei com uma prostituta profissional.

Fernando continua, agora estava calmo. Sua voz era gelada:

-Tinha algo mais naquele bilhete. Ele sempre te via na TV, como modelo de joias e a reconhecia:

. “As aparências enganam, se tem crianças, se eu fosse você teria certeza que o filho é seu. ”

Agora ele olha com repugnância para a criança.

- É claro que depois daquela história toda sobre seu passado aquilo me deixou com uma pulga atrás da orelha. Eu fiz um teste de DNA. Bingo! A pequena puta não é minha filha. Quem é o pai?

Anna fica calada. Não tem o que dizer. Ela olha para filha. Laura estava paralisada pelo terror da cena.

- Uma puta como você provavelmente não sabe nem quem é o pai.

Agora ele olha para o seu capanga:

- Ela fez a ocorrência?

- Sim Senhor.

- Você a leu?

- Sim Senhor.

Fernando olha irritado para o capanga.

- E então? Porra!

-Ela declarou no boletim que não ia voltar mais para a casa, na verdade disse que ia embora da cidade para nunca mais voltar, disse que ia levar a filha.

- Ótimo, então ela vai mesmo.

Agora Fernando olha para a esposa, caída no chão, ensanguentada. Mais uma gargalhada insana:

-Você e essa bastarda vão para um lugar bem longe, um lugar fora deste mundo. O delegado não vai me incomodar, ele sabe que você ia embora mesmo.

Ela olha para Vasco:

- A vaca mesmo disse que ia sumir. Você já sabe o que fazer, Vasco.

Anna olha desesperada e implorando com os olhos para o capanga e grita:

- SALVE-A!

Naquele momento a pequena Laura entendeu, ainda em estado de choque ela percebeu. Ia ser morta.

- Pai, me ajuda...

Ela conseguiu falar em meio ao seu estado de estupor. Fernando olhou com desprezo para a criança.

- Ela não entendeu ainda que é uma bastarda. Bastaardaaa!!! Vou te mostrar algo para você nunca esquecer antes de morrer, bastarda. Ele vai até a mulher imobilizada e jogada no chão. Levanta a cabeça dela pelos cabelos.

- Antes de você morrer, quero que veja como se mata uma cadela.

O capanga se aproximou com um facão na mão e o entregou para Fernando. Precisou um único golpe para o sangue de Anna jorrar com violência, se misturando ao sangue do labrador na cabana vazia. A pequena Laura desmaiou. Quando acordou, estava uma noite sem neblina e sem lua, mas estranhamente clara. Então ela percebeu a cabana em chamas, iluminando estranhamente a noite. Começou a ventar forte. Fernando observa o céu coberto por nuvens, estranhamente iluminado pela cabana que se desfazia em chamas.

- Vai chover, O rio vai inundar ainda mais a cidade!

- Isto é bom, Senhor Fernando. Vai apagar qualquer rastro.

- E o incêndio vai apagar qualquer pista sobre a morte da puta e do cachorro. Leve o corpo dela até o meio da plantação de soja, enterre-a lá, junto com seu amado cachorro.

Agora o home d´uma gargalhada:

- Enterre bem fundo. Os dois vão servir de adubo para a plantação. Finalmente algo de bom.

Ele olha para a criança desmaiada:

- Depois leve a menina para a serra, longe de qualquer trilha turística ou algo assim, cave um buraco bem fundo. Mate-a e volte antes do dia raiar.

Vasco agora tem certeza, o homem estava louco.

- Sim Senhor.

A pequena Laura estava com as pernas molhadas. O corpo ali jogado no chão. Vasco pegou a camionete. Forrou cuidadosamente a carroceria aberta com plástico. Delicadamente colocou o corpo de Anna e de seu labrador na carroceria. Depois pegou a caixa com as duas cabeças e colocou no banco do carona, ao lado da desmaiada menina.

- Não se esqueça, enterre a menina longe.

Vasco foi embora. Assim que enterrou o corpo de Anna e seu animal de estimação voltou para o carro para pegar a caixa com as cabeças. Era para enterrar em outro buraco já escavado. Quando terminou o segundo

serviço e olhou para a camionete, viu a pequena Laura em pé, ao lado do carro. Ela tinha um olhar estranho. Ele desconsidera a menina. Olha para o céu. O vento estava forte, mas a chuva não chegava. Ele fica em dúvida. Melhor não usar o carro. Se não chovesse, as trilhas sairiam da enorme fazenda em direção a serra. Nada de pistas, ele pensou. Ele olhou para a pequena menina condenada à morte. - Me dê a mão, nós vamos a pé daqui.

A pequena Laura, com a mente paralisada por um medo caótico obedece. Agora os dois andam pelo campo de soja, com a paisagem dançando com o vento forte. Ela foi de mão dada com ele. Uma caminhada sinistra em meio à enorme plantação. Mais adiante, ele pega o plástico que descarregou da caminhonete e põe fogo nele. Novamente a menina mais uma vê a noite estranhamente clara pelas chamas. Continuaram caminhando. Então, em meio a escuridão, plantação adentro, Vasco viu algo que ele mesmo, um psicopata, o deixou assustado. Era um dos espantalhos da fazenda. Dançava uma dança macabra, embalado pelo vento forte, com seus braços de pano balançando no ar. Mas o que realmente assustou o capanga foram os olhos. O espantalho dançarino tinha olhos humanos. Olhava fixamente para os dois em meio à escuridão. A pequena Laura vê o espantalho, e então olha com seus olhos

estranhos e petrificados pelo medo para o capanga.

- É o bicho papão, minha mãe falou que ele ia me pegar se eu saísse à noite sozinha. Ele está olhando para gente.

## Capítulo 2

### Cidade de Padre Américo

#### *Dia atual*

Era como se Laura estivesse acordando de um daqueles pesadelos que a levou a cidade de Padre Américo. Mas não era um sonho, era uma recordação. Então Laura entendeu tudo. Ela não era nenhuma médium, louca ou algo assim. Ela nasceu naquela cidade. Seus sonhos eram lembranças de sua infância enterradas em seu subconsciente. Lembranças enterradas por um trauma profundo acontecido ali em Padre Américo. A morte de sua mãe natural quando ela tinha três anos de idade em meio a inundações da cidade a mais de duas décadas.

Aos poucos ela foi se recompondo e entendendo tudo o que aconteceu, como o trauma foi desarmado no Rio. Primeiro a sobrinha Nina com o filho “bastardo” recusado pelo pai, como ela.

“Bastaaardaaa!” Ela se lembrou do grito de quem acreditava ser seu pai naquela noite de seus pesadelos. Ela se lembrou de Ingrid chamando o marido de “Canaaalha”, depois a mãe chamando de “Canaaalha” o fazendeiro, seu marido, naquele dia de terror. O sonho

com o incêndio no apartamento de Mikael na realidade reproduzia o cenário da cabana em chamas da sua infância. (Tudo aos poucos destravando em forma de sonhos até hoje. Um trauma avassalador).

A viagem à cidade de Padre Américo foi a gota d'água. "Salve-a" de seus sonhos era sua mãe implorando ao capanga da fazenda pela vida da filha. A cabeça da cadela na trilha em seus sonhos, o espantalho em seus pesadelos, todos eram personagens de um cenário de horror vivido por uma criança, por ela, na cidade de Padre Américo, antes de ser adotada. Ela se levantou. Fernando chegou a sala acompanhado de Vasco. Laura estava pronta para enfrentar os monstros, assassinos de Anna, sua mãe. Ela se vira para o segurança e fala como se ele fosse um conhecido íntimo:

- O que aconteceu, Vasco? Por que não me matou?

Laura falou calma. Parecia a dona da situação. Ryan escutou aquilo como se estivesse ouvindo uma louca, mas o velho fazendeiro ficou assustado e alerta, aquela mulher conhecia o nome de seu capanga, um verdadeiro parceiro de crimes. Vasco ficou parado por alguns minutos, agora já sabia quem era ela, então falou:

- Você se lembra do espantalho?

- Agora eu me lembro de tudo, menos por que não estou morta.

Vasco tira o seu chapéu, segura a aba do mesmo com as duas mãos. Olha com humildade para seu chefe.

- Naquela noite eu vi algo que me apavorou enquanto andava com a menina. Um espantalho dançando com o vento, o que realmente me assustou é que ao invés de dois buracos no rosto ele tinha olhos humanos. Fernando, o velho fazendeiro, ficou atônito. Ele começou a entender. Era ela. A filha da prostituta, a filha de Anna. Ele pegou seus óculos. Era ela mesma, a semelhança era espantosa. (Inacreditável), ele pensou. Vasco continuou sua história:

- Laura disse que o bicho papão ia pegar nós dois.

O velho fazendeiro deu sua risada insana. Laura se recordou daquela gargalhada medonha naquela noite. Um arrepio correu em seu corpo de cima para baixo.

- Então você não a matou por que pirou de medo com uma aparição fantasiosa, idiota! Fernando falou com seus olhos fuzilando o homem à sua frente. Vasco não falou nada. Parecia guardar um mistério. O velho fazendeiro então ficou lívido, olhando para Laura como se estivesse olhando para um fantasma e continuando, se dirigiu para Vasco.

- Então é assim que você me explica o fato dela estar viva aqui na minha frente? Ou seria

ela um fantasma que saiu de um buraco do inferno?

Vasco ficou calado. O velho fazendeiro levantou-se de sua cadeira desajeitado, tinha uma expressão furiosa quando gritou para seu capanga.

- Você me traiu, filho da puta! Não me falou nada, seu miolo mole!

Depois se acalmou quando viu o rosto estranhamente frio de Vasco olhando para ele.

- Você me decepcionou, Vasco. Mas ainda podemos consertar as coisas. Estamos há muito tempo juntos. Vamos terminar nosso trabalho. Eu vou contigo para ter certeza que desta vez tudo vai dar certo.

Laura entendeu, eles iam matá-la. Estava. Ryan estava estupefato, agora entendia tudo. Não ficou surpreso quando viu que agora Vasco apontava sua arma para ele. (Porra! Deixei minha arma no carro. Achei que não precisava me preocupar com ela algemada. O perigo era outro). Ryan pensou. Então ele se lembrou de sua ironia com Laura naquele café da manhã:

“Então? O que achou do pessoal? Algum perfil de um assassino em vista?”

Sim, tinha alguém com o perfil de um assassino na cidade, mas não estava naquela mesa no bar de Dorinha. Era o segurança da fazenda, Ryan se sentia um idiota. Vasco ficou preocupado. Ele sabia que o delegado era demais para ele. Era melhor acabar logo

com tudo aqui. O velho fazendeiro deu um sorriso sádico de triunfo para Laura.

- Ryan me ligou há uma hora perguntando se eu tinha visto você por aí.

Agora ele olha com o mesmo sorriso para seu capanga.

- Parece que a maluca aí pegou o filho do Riva e fugiu com ele, ninguém sabe por quê. Mas agora toda a cidade está atrás dela. Todos juram que foi a louca de sonhos paranoicos que chegou à cidade quem matou Riva, o pai do menino raptado por ela.

Laura olha para Vasco:

- Onde está o menino, Vasco?

Fernando não entendeu o que Laura quis dizer com aquilo.

- Ele está perto da fazenda.

Aquilo era má notícia para Fernando. Ela não sabia disso. (Mas por que trazer o menino até aqui?). Depois de um tempo pensando, Fernando tomou uma decisão.

- Vamos acabar com ela assim mesmo. E com o delegado também. A gente arranja um jeito de culpá-la pela morte do delegado e da criança. Não temos outra saída. As ossadas da puta ainda estão lá. Uma denúncia e estamos acabados.

Vasco não falou nada. Apenas tirou sua arma do coldre e apontou a pistola para a cabeça de Ryan.

- Seu idiota cabeça de vento, nunca aqui na sede, vai ter sangue para todo lado!

Então, para surpresa de todos, Vasco se vira e aponta a arma para Fernando. Por um segundo Fernando não entendeu nada, mas antes que o capanga dê o tiro mortal, o outrora galã de novelas se sentiu um idiota. Lembrou-se da primeira ameaça de Anna quando exigiu que o capanga a acompanhasse sempre que ela fosse à cidade:

“Depois não reclame. ”

Laura é filha de Vasco e Anna. Foi um tiro, apenas um tiro na cabeça. Laura tremeu de susto. O velho fazendeiro estava morto. Ela olhou assustada para Vasco. Então entendeu tudo. Ela conseguiu falar.

- É você, não é? Você é meu verdadeiro pai. Por isso não me matou naquele dia.

Vasco fica calado, olhando para ela. Ele voltou a apontar sua arma para Ryan:

- Não era para vocês terem aparecido por aqui.

Laura fala decida:

- Eu quero justiça para Anna, minha mãe. Ela se lembrou do nome da mãe, Vasco pensou. O velho segurança voltou a olhar para Laura.

-Depois que você desmaiou, eu te levei de carro até São Bento, te entreguei a meu irmão e expliquei a situação a ele. Ele conseguiu que um rabino da cidade encontrasse um casal

procurando filhos para adotar no Rio. O resto da história você já sabe.

- Foi você, Vasco. Foi você quem matou Riva. E acho que sei por que.

Vasco fica calado por alguns segundos.

Olhando para Laura, então ele fala

pausadamente:

- Sobre o espantalho que você contou ao Fernando, não eram os olhos do espantalho que você viu naquela noite. Era alguém escondido atrás do espantalho, observando a gente. Era o Riva.

Vasco olha compenetrado para Laura e diz:

- Não sabia quem era. O que concluí é que um sujeito nos seguiu em meio à noite. Eu o procurei por todo canto da fazenda. Não achei nada. Não sabia que era Riva. Então, quando ele, anos depois, começou a falar sobre seus sonhos com espantalhos, foi fácil adivinhar quem estava atrás daquele espantalho naquela noite. Era ele. Riva, o filho de oito anos de um errante que habitualmente andava pela fazenda. Na época resolvi não o matar ainda. Eram apenas sonhos. Mas quando você chegou...

Laura continuou por Vasco:

- Quando eu cheguei e Riva tomou conhecimento de meu sonho incrivelmente igual ao dele sobre espantalhos e notou a semelhança entre mim e minha falecida mãe. Então entendeu o óbvio. Não eram pesadelos que vinham desde a infância dele. Ele

entendeu que tinha sido testemunha de um crime.

Vasco olha fixamente para a filha. Ele falou friamente:

- Mas Riva cometeu um erro. Procurou-me enquanto Fernando estava na cidade de São Bento. Não sabia que era eu quem estava naquela noite com você, que eu tinha participação no crime. Imaginava que tinha visto apenas o velho fazendeiro com seu carro e a criança. Queria dinheiro para ir embora com o filho ou em uma semana ou contaria toda a verdade. Eu o matei. Uma facada. É claro que o corpo não podia ser encontrado aqui na fazenda. Reparei que o vento estava forte e a noite era muito fria, não haveria testemunhas. Mas por precaução me cobri com um capote acabado e um velho chapéu para não ser reconhecido. O levei de madrugada até sua casa e deixei-o lá em sua cama. O menino, me viu e entrou em estado de choque. Não podia matá-lo ainda. Não na cidade. Era muito arriscado.

Agora Laura fala tão friamente como o seu pai falava, olhando fixamente para ele:

- Alguém te viu, Vasco. Foi o Bob Esponja, mas estava muito bêbado, dormindo na rua. Tudo que ele viu foi uma figura muito magra, alta, com um velho chapéu, os braços do capote balançado ao vento e levando o corpo de Riva e o filho de Riva o acompanhando. Bêbado, ele imaginou que era o espantalho

das visões de Riva e uma criança fantasmagórica.

Ela parou de falar. Uma súbita urgência e angústia toma conta de Laura.

- O menino? O que fez com o filho de Riva, Vasco?

Ele conseguiu sorrir para ela um sorriso gelado:

- Ele, em seu estado de choque, veio até mim. É incrível o que uma criança pequena faz por seus pais quando os amam de verdade. O pequeno Cássio andou a madrugada inteira naquela noite fria ao meu lado. Acho que queria exigir o seu pai de volta. Uma testemunha e tanto contra mim assim que saísse do seu estupor. Eu o escondi e agora me preparava para sumir com ele, então vocês chegaram. Não adianta mais matá-lo, vocês já sabem de tudo. Você salvou a vida dele, Laura, quando chegou aqui impulsionada por suas lembranças daquele dia de muito sangue. Ele está no celeiro que construímos no lugar da velha cabana em que sua mãe foi morta.

Laura ficou calada. Vasco adivinhou os pensamentos dela.

- Eu não vou matá-la, senhorita Laura. Tenho que seguir o último pedido da única mulher que amei em minha vida. Sua mãe. Ela pediu...

Laura completa:

- Salve-a!

Agora um silêncio devastador caiu como a névoa do lado de fora da sede da fazenda na copa praticamente abandonada. Laura olhou para o corpo de Fernando ao seu lado. O homem morto estava de olhos abertos. Ela sentiu asco. Mas não sentia mais medo. Vasco continuou:

- Você é a filha dele. Pelo menos é o que ainda diz no cartório. Alterar sua filiação seria algo suspeito demais depois de seu desaparecimento e de sua mãe. De qualquer maneira, para ele você estava morta. Isto quer dizer que a fazenda é sua. Os ossos de Anna estão bem no meio dela, isto é testemunha suas lembranças e minhas palavras. Seja feliz, Laura. Seja feliz por Anna. Sua mãe a amava muito.

Laura ficou em silêncio. Então ela começou a chorar olhando para o quadro em que sua mãe, Anna, estava retratada ao lado do monstro. Um choro quase infantil. O delegado Ryan se levantou e foi em direção a Vasco.

- Não se mexa delegado. O senhor está desarmado.

Ryan parou.

- Eu vou dizer exatamente o que vai acontecer, delegado. O senhor vai até o limite da fazenda me acompanhando. Depois eu vou embora e o deixo para trás.

Assim que os dois foram em direção a porta de saída, Laura avisou a Vasco em meio a seu choro agora contido.

- Se fizer algum mal a Ryan, eu vou denunciá-lo, Vasco.

Vasco apenas sorriu aquele sorriso para ela e disse:

- Adeus, Laura.

Então ela surgiu carregando sua espingarda de dois canos por detrás da porta da copa que dava para o quintal da mansão.

- Ainda não, Vasco!

(Meu Deus! É Dorinha, ela deve ter me seguido desde a delegacia), Ryan pensou.

### Capítulo 3

Dorinha apontava sua espingarda para Vasco, mirando fixamente em sua cabeça:

- Eu tenho você em minha mira, Vasco.

Qualquer movimento e você é um homem morto.

Ryan sabia que Dorinha não era páreo para o velho segurança, qualquer descuido seria fatal. Vasco, com a arma apontada para o delegado, não fala nada, apenas olha nos olhos de Dorinha. Ela continua:

- Eu ouvi tudo atrás da porta. Você matou o Riva, e se preparava para matar o filho dele.

Vasco manteve a postura calma e firme quando falou:

- Tem certeza que sabe usar isto aí, Dorinha? Parece uma arma bem velha.

- Eu só preciso de um tiro, Vasco.

Ryan pensava em um meio de atacar Vasco e imobilizá-lo, mas era impossível conseguir sem levar um tiro. Vasco mantinha uma distância segura.

- Ainda tem tempo de você me entregar a arma moça e sair com vida desta casa.

Dorinha não se abalou.

- Entregue sua arma ao delegado, Vasco.

Vasco sabia que teria que ser bem rápido.

Acertar a bala em Dorinha, torcer para ela errar o seu tiro, depois voltar a apontar novamente para o delegado. Depois de alguns

segundos de um silêncio tenso, Vasco deu um passo para o lado e apontou sua arma para Dorinha. Enquanto ela buscava novamente o rosto de Vasco, ele puxou o gatilho.

\*\*\*

Ryan acompanhou em silêncio o velho capanga para fora da fazenda. Esperava uma oportunidade para pegá-lo, mas o velho assassino e segurança era experiente. O tempo todo manteve uma distância prudente.

Quando chegaram ao limite da fazenda, junto a serra, Vasco ordenou que Ryan parasse.

- Você fica aqui, Delegado.

Vasco foi em direção a mata fechada da serra, sempre apontando a arma para Ryan.

- Você não devia ter matado Dorinha, Vasco.

Vasco não falou nada.

(Eu vou atrás de você Vasco), Ryan pensou. O velho capanga adivinhou os pensamentos dele.

- Boa sorte, Delegado.

Vasco desapareceu mata adentro.

\*\*\*

Laura limpa as lágrimas dos olhos e deixa o corpo de Dorinha. Tinha outra prioridade agora. Apressou o passo e saiu da sede da fazenda. Deu a volta na imensa casa e foi até os fundos da mansão. Ela se lembrou mais

uma vez daquela noite sinistra de sua infância, enquanto fazia a mesma rota de décadas atrás. Mas agora não sentia medo. A criança precisava dela.

“Salve-a!”

Ela apressou ainda mais o passo para o celeiro construído no lugar da cabana incendiada. A porta de madeira do celeiro estava trancada. Com uma força sobre humana, Laura conseguiu abrir a velha porta.

- Cássio!

Ela gritou para dentro da escuridão e relinchos de cavalos. Então ouviu um gemido.

- Eu já vou, Cássio. Não tenha medo.

Ela encontrou o menino amarrado e amordaçado. Tinha nos olhos a mesma expressão petrificada pelo terror que ela sentiu naquele dia. Ela o soltou e o abraçou.

- Paiiiii!

O menino soltou um grito nos braços dela que parecia um gemido e começou a chorar agarrado a ela. Laura sentiu vontade de chorar. Mas agora ela devia ser forte.

- Está tudo bem, Cássio. Vamos embora daqui.

PARTE 8

FINAL

## Capítulo 1

- Então foi isso, tia? Você é filha daquela modelo famosa. Por isto é tão linda.

Nina falou, ela ouvia emocionada a história que Laura contava a ela.

- Foi assim, Nina. Não havia visões nem premonições. Meus sonhos eram lembranças de Padre Américo sendo destravadas pelas circunstâncias vividas aqui no Rio.

Lembranças de um trauma de infância enterrado em meu subconsciente. Por Deus! Isso tudo me levou a salvar a vida de uma criança. Agora eu tenho um filho, Laura falou e se lembrou:

- Diferentemente dos pais biológicos, o fato de vocês terem me adotado revela a absoluta certeza que a decisão de vocês foi baseada totalmente no amor.

- Que lindo, tia! Onde ouviu isso?

Laura suspirou:

- Por aí, escrito em algum lugar.

Nina percebeu uma súbita e rápida melancolia na voz de Laura, ela percebeu que Laura se lembrou de Mikael. Nina segura as mãos dela.

- Tem certeza que você está bem, tia?

Laura apenas sorriu para ela. Nina continuou:

- Você consegue se lembrar se realmente sonhou com o incêndio do apartamento de Mikael?

- Eu acho que sonhei com o incêndio daquela cabana onde passei aquele momento trágico de minha infância.

- O que será que aconteceu naquele dia com Mikael e Ingrid, Tia?

- Provavelmente um acidente. Ou algo pior. Nem sempre temos as respostas que precisamos.

Nina suspirou.

- Incrível, tia. Justamente na semana em que eu troquei a operadora de meu celular, você me ligou da cidade de Padre Américo.

- Se você tivesse atendido ao telefone, talvez eu não tivesse sentido a necessidade de seguir os meus instintos e ir com o delegado até aquela fazenda e salvar o menino.

Então o menino Cássio apareceu na sala do apartamento no Leme. Ele ainda tinha os olhos inchados pelo sono. Preguiçosamente sentou no colo de Laura.

- Falando no anjo, olha só quem aparece.

Nina falou divertida, olhando para o menino com carinho. Ele pergunta a Laura:

- Mãe, o que é carioca da gema?

Laura sorriu. (Ele me chamou de mãe), ela pensou feliz. Laura adotou a criança. Agora com o dinheiro da venda da fazenda podia cuidar com calma de Cássio. Ela o chamou de “carioca da gema” quando viu o menino brincando feliz naquele dia luminoso com seus novos amigos nas areias da praia do

Leme. Nina se depende da tia, tinha trabalho a fazer no aeroporto.

\*\*\*

Era noite, o telefone ao lado da cama de Laura tocou. Surpresa, ela reconheceu a voz de Monique, a sonhadora de Padre Américo.

Ryan quer falar com vice, Laura:

Laura sorriu quando lembrou do café dele. O dois se cumprimentaram. Ele disse om seu sotaque caipira:

- Laura, Vasco está morto. Ele resistiu à prisão, eu revidei. Achei que eu mesmo devia contar isso a você. Afinal ele era seu pai.

- Então foi isso, Laura. Ryan pegou seu pai. Então é isto. Ryan pegou o Vasco. Foi uma troca de tiros.

- Meus pais estão descansando em paz, próximos a uma sinagoga, Ryan.

Ele fica em silêncio. Laura continua:

- Já sabe para onde vai após a enchente, Ryan?

- O estado está me enviando para uma cidade chamada Barra do Rio Jacupiranga. Vou ser o delegado lá, ou seja, nada para fazer além de apreciar a paisagem e ver o tempo passar.

Laura sorri e diz:

- Mas que nome mais estranho. Está sim deve ser a cidade mais caipira do Brasil. Sobre não fazer nada, nunca se sabe. Abraço Ryan, mande notícias.

-Obrigado, Laura. Fico feliz por Cássio ao seu lado. Vou passar o telefone para Monique. Laura sentiu que Monique tinha algo importante para falar.

- Laura, as sirenes tocaram. A hora chegou! Amanhã vamos todos embora. Estávamos preocupados apenas com Sheila, mas ela finalmente admitiu que o filho não é mais do que uma fantasia. Ela vai ficar conosco, Jardel e eu, até arranjarmos um bom hospital para ela. Deus te abençoe. A você e a seu filho, Cássio.

Laura pensou em Anna, sua mãe natural, enterrada para sempre por um mar, ela e toda a cidade de Padre Américo.

- Que Deus te abençoe, Monique. Você e ao Jardel.

\*\*\*

Em seu sonho, a Filha diz a mãe:

- Então é esta a cidade mais caipira do Brasil, mãe?

As duas deram um grande e carinhoso abraço. A filha Laura, uma jovem de dezesseis anos, agora olha com seus olhos negros para a Anna. A mãe diz:

- Você é a minha cara. Sabia filha?

- Então eu tenho sorte, todo mundo acha você linda, mãe.

Então, no sonho, Laura ouviu as sirenes tocando. Era de dia, um dia claro. Não havia

mais cidade nem rio, apenas um imenso lago coberto pela neblina espessa até o fim do horizonte, como um imenso tapete branco. O silêncio era tão espesso quanto a névoa. Havia um toque de melancolia no cenário. Então Laura sentiu o abraço carinhoso que só uma mãe pode dar a uma filha. Era a mulher que em seus sonhos, aquela que tinha apresentado à filha a cidade mais caipira do Brasil. Laura tem um tom de carinho e ao mesmo tempo de tristeza, quando diz, quase como um lamento, nos braços de Anna:

- Mãe...

- Não fique preocupada comigo e com a inundação, filha. Não tem mar no céu.

Quando acordou pela manhã Laura sentiu uma paz profunda. (Está tudo terminado), ela pensou. Laura nunca mais teve sonhos com a Cidade de Padre Américo.

FIM